

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Wilsa Duarte Atella

**ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO E SEUS
MECANISMOS DE FOMENTO AO
EMPREENDEDORISMO – O CASO DO
CONCELHO DE COIMBRA**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo
orientada pela Professora Doutora Patrícia Helena Ferreira Lopes Moura Sá e
apresentada à Faculdade de Economia.**

Outubro de 2021

Dedico esse trabalho minha mãe, Isa, minha tia, Sonia, e aos meus filhos, Bruno e Sabrina, que sempre me incentivam e apoiam.

Aos meus colegas de curso que, unidos, apoiamos uns aos outros para a finalização deste.

RESUMO

A ideia deste estudo surgiu a partir do objetivo 8, definido pela Agenda 2030, definido pela ONU, que indica uma agenda de plano de ação para a prosperidade mundial e erradicação da pobreza. Este objetivo define ações visando o trabalho digno e o crescimento econômico. Sendo o empreendedorismo uma das formas de alavancagem tanto da oferta do emprego, quanto para arranque econômico, optou-se por realizar esta pesquisa. Visando afunilar o estudo, optamos por estudar especificamente instrumentos de fomento e políticas relacionadas à inovação, devido ao alto poder de impacto social direto a nível local e nacional.

Levando em consideração que as políticas públicas municipais são essenciais para o desenvolvimento de uma rede de empreendedores sólida e próspera, este estudo optou por, tendo por base a realização de um estudo de caso apoiada na recolha de documentos e na realização de entrevistas, analisar as políticas públicas adotadas no Concelho de Coimbra, tendo ação direta sobre instrumentos de fomento, aqui entendidos como Incubadora de Empresas, Parque Tecnológico e Cowork.

Apresentamos uma descrição dos vários instrumentos e mecanismos existentes para a promoção ao empreendedorismo e fazemos uma pequena avaliação das ações associadas tendo em conta o modo como são percecionadas por alguns dos principais atores.

Ao concluirmos este estudo apresentamos um retrato do empreendedorismo e da Inovação no Concelho de Coimbra e sua realidade de fomento e desenvolvimento para que daí possam ser retiradas algumas recomendações.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Políticas Públicas, Cowork, Incubadora de Empresas, Parque Tecnológico

ABSTRACT

The idea for this study emerged from objective 8, defined by the 2030 Agenda, defined by the UN, which indicates an action plan agenda for global prosperity and poverty eradication. This objective defines actions aimed at decent work and economic growth. As entrepreneurship is one of the ways of leveraging both the job offer and economic leverage, we chose to carry out this research. In order to narrow the study, we chose to focus specifically on developing instruments and innovation related policies, due to its high direct social impact power at national and international level.

Considering that public policies are essential for the development of a solid and prosperous network of entrepreneurs, this study chose, based on the realization of a case study supported by a document collection and interviews, to analyze the public policies adopted in different dimensions and adopted in the city of Coimbra, having direct action on development instruments, understood here as a Business Incubator, Technology Park and Cowork.

Here, we present a description of the numerous existent instruments and mechanisms for the entrepreneurship promotion, and we do a small evaluation of the concrete actions associated, knowing the way they are perceived by some of the main authors.

In conclusion of this study, we present a portrait of entrepreneurship and innovation in the city of Coimbra and its development reality, so that recommendations can be taken from there.

Keywords: Entrepreneurship, Public Policies, Cowork, Business Incubator, Technology Park

ABSTRACTO

La idea de este estudio surgió del objetivo 8, definido por la Agenda 2030, definida por la ONU, que indica una agenda de plan de acción para la prosperidad global y la erradicación de la pobreza. Este objetivo define acciones dirigidas al trabajo decente y al crecimiento económico. Dado que el espíritu empresarial es una de las formas de aprovechar tanto la oferta de trabajo como la puesta en marcha económica, se eligió esta investigación. Con el objetivo de acotar el estudio, optamos por estudiar específicamente los instrumentos y políticas de desarrollo relacionados con la innovación, debido al alto poder de impacto social directo a nivel local y nacional.

Teniendo en cuenta que las políticas públicas municipales son fundamentales para el desarrollo de una red sólida y próspera de emprendedores, este estudio eligió, a partir de un estudio de caso sustentado en la recopilación de documentos y entrevistas, analizar las políticas públicas adoptadas en el Municipio de Coimbra. , teniendo acción directa sobre instrumentos de desarrollo, aquí entendido como Incubadora de Empresas, Parque Tecnológico y Cowork.

Presentamos una descripción de los distintos instrumentos y mecanismos existentes para promover el emprendimiento y hacemos una valoración de las acciones concretas asociadas, teniendo en cuenta cómo son percibidas por algunos de los principales actores.

Al final de este estudio, presentamos un retrato del emprendimiento e innovación en el Municipio de Coimbra y su desarrollo y realidad de desarrollo para que de él se puedan extraer algunas recomendaciones.

Palabras clave: Emprendimiento, Políticas Públicas, Cowork, Incubadora de Empresas, Parque Tecnológico

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRONICOS

AEMITEC – Associação para Inovação Tecnológica e Qualidade

ANI – Agencia Nacional de Inovação

BIC – Business Innovation center

BPF – Banco português de fomento

CEC/CCIC – Camara de Comercio e Indústria do Centro

CETEC – Centro de Tecnologia Inovadora

DLBC – Desenvolvimento Local de Base Comunitária

ERIC - Educational Resourcer Information Center

FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia

FEDER – Fundo europeu de desenvolvimento regional

FEEI – Fundos Europeus Estruturais e de Investimento

IAPMEI – Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação

I&D – Desenvolvimento tecnológico, através da investigação e pesquisa

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

IES – Instituições de Ensino Superior

INE – Instituto Nacional de Estatística (Portugal)

INOPOL – Instituto politécnico de Coimbra

IPC – Instituto Politécnico de Coimbra

IPN – Instituto Pedro Nunes

IRC – Imposto sobre rendimentos das pessoas coletivas

IIES – Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social

ITI- Investimentos Territoriais Integrados

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Economico

PE – Plano Estratégico

PME – Pequena e Micro Empresas

POPH – Programa Operacional do Potencial Humano

POVT – Programa temático de valorização do território nacional

PRR – Plano de Recuperação e Resiliência

PT – Parque Tecnológico

QREN – Quadro de referência estratégico nacional

RNI – Rede Nacional de Incubadoras e Aceleradoras

RIERC – Rede de Incubadoras de Empresas da Região Centro

SIFIDE - Sistemas de Incentivo Fiscais à I&D empresarial

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões de Análise	14
Quadro 2 – Campos de Análise	15
Quadro 3 – Levantamento bibliográfico	18
Quadro 4 – Descrição da amostra	19
Quadro 5 – Categorias abordadas	20
Quadro 6 – Perspetivas de análise	39
Quadro 7 – Segmentos económicos	54
Quadro 8 – Políticas públicas de fomento	68
Quadro 9 – Instrumentos de fomento	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Programas operacionais QREN	41
Figura 2 – Componente 5 do PRR	47
Figura 3 – Componente 16 do PRR	47
Figura 4 – Mapa do Parque Tecnológico IParque	58



ÍNDICE

Resumo	02
Abstract	03
Abstracto	04
Lista de Siglas, Abreviaturas e Acrônimos	05
Lista de quadros	06
Lista de Figuras	07
Índice	08
Introdução	10
Capítulo 1 – Enquadramento Metodológico	13
1.1 Propósito e objetivos específicos	13
1.2 Campo de Pesquisa	15
1.3 Metodologia e Método	15
1.3.1 Revisão da literatura	17
1.3.2 Definição das variáveis	18
1.3.3 Critérios de seleção da amostra	18
1.3.4 Técnicas de recolha dos dados	19
1.3.5 Técnica de análise de dados	20
CAPÍTULO 2 – Enquadramento teórico conceptual.....	21
2.1 Competitividade	21
2.2 Empreendedorismo e Inovação	22
2.3 Outras definições relevantes	24
2.3.1 Cluster	25
2.3.2 Start-up	26
2.3.3 Spin-off	26
2.4 Componentes do ecossistema do empreendedorismo	26
2.5 Ferramentas de promoção do empreendedorismo	27
2.5.1 Incubadora de empresas	28
2.5.2 Parque tecnológico	32
2.5.3 Cowork	34
2.6 A visão dos usuários quanto a estes instrumentos	38
2.7. Políticas públicas de apoio ao empreendedorismo	39
2.7.1 Políticas e instrumentos públicos a nível nacional	41

2.7.2 Políticas públicas a nível regional	50
Capítulo 3 – Apresentação do estudo de caso,.....	53
3.1 Caracterização do Município de Coimbra	53
3.1.1 Principais indicadores demográficos e económicos	53
3.1.2 Ensino superior no Concelho	55
3.2 Mecanismos de fomento detetados no trabalho de campo.....	57
3.2.1 Parque tecnológico	57
3.3.2 Incubadora de empresas	59
3.2.3 Cowork	63
3.4 Políticas públicas a nível municipal	65
3.5 Quadro de entrevistas	67
Capítulo 4 – Discussões e conclusões	72
Referência bibliográfica	75
Anexos	89

INTRODUÇÃO

Durante décadas vimos a economia mundial ser modificada, trazendo consigo novas formas de relacionamento laboral e empreendedorismo. No âmbito desta evolução, vimos modelos de empreendimentos serem alterados e com eles as relações de trabalho, resultando na morte de algumas profissões, como por exemplo ilustrador gráfico para anúncios em montras e datilógrafos, e o surgimento de novas profissões, como, designer gráfico e programadores. Com as novas exigências globais, algumas profissões foram e ainda estão sendo substituídas por robôs e pelo advento da computação (Sutto, 2019). Neste contexto, as pessoas precisam se reinventar para se manterem ativas profissionalmente e as nações precisam reelaborar seus planos estratégicos, visando manter viva a economia local. Nesta perspectiva, entendemos que o empreendedorismo é uma forma de reinserção do sujeito no mercado de trabalho além de uma alternativa para a redução dos indicadores de desemprego.

No ano de 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu a Agenda 2030, fruto de um trabalho em conjunto de governos, organizações e cidadãos comuns., sendo esta constituída por dezassete objetivos socioeconómicos e ambientais de desenvolvimento sustentável, através de cento e sessenta e nove metas. Esta agenda representa um plano de ação para o planeta e a prosperidade de todos os países e partes interessadas, fortalecendo, entre outros princípios, a paz, a liberdade e a erradicação da pobreza extrema. De entre os objetivos apresentados pela Agenda, destacamos, pelo interesse direto para esta pesquisa, o de trabalho digno e crescimento econômico, decorrente do princípio número 8. Assim, este trabalho relaciona-se com as seguintes metas:

“...- Atingir níveis mais elevados de produtividade das economias através da diversificação, modernização tecnológica e inovação, inclusive através da focalização em setores de alto valor agregado e dos setores de mão-de-obra intensiva.

- Promover políticas orientadas para o desenvolvimento que apoiem as atividades produtivas, a criação de emprego digno, o empreendedorismo, a criatividade e a inovação e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive através do acesso aos serviços financeiros...” (ONU, 2015)

Para estas metas contribuem os vários níveis de governo: central, regional e local. Neste trabalho, focamo-nos no nível local.

Um planeamento estratégico é um plano elaborado para que se possa alcançar um determinado fim. É um processo de criação de formas de se alcançar um objetivo dentro de uma determinada organização, através de definição de metas mensuráveis e alcançáveis (Chiavenato, 2009). Entendemos que a operacionalização do plano estratégico do Concelho de Coimbra, é uma forma de um município (no nosso caso o de Coimbra) incentivar o empreendedorismo, fomentando a criação de empregos e a inovação. Dadas as suas vantagens, que abordaremos ao longo desta dissertação, olharemos em especial para o cowork, incubadora de empresas e parque tecnológico. Ressaltando que o olhar realizado para os cowork se limita aos coworks cujo caráter seja o da inovação, visando otimizar a análise crítica sobre os dados encontrados.

O interesse na realização desta pesquisa resulta também da experiência pessoal da autora, que, no ano de 2007, teve a oportunidade de incubar um empreendimento na Incubadora de Empresas da COPPE/UFRJ. Durante quatro anos teve a oportunidade de vivenciar um ambiente protegido, com custos compartilhados e aprender em como gerir o seu negócio. Uma oportunidade excepcional, que resultou na graduação do empreendimento. Graduar significa que a empresa cumpriu os requisitos necessários para se entender como uma empresa e capaz de se auto gerir fora do ambiente protegido da incubadora. Após a graduação, o empreendimento mudou-se para o Parque Tecnológico da UFRJ, onde permaneceu por seis anos. O Parque era um ambiente propício para o negócio da empresa e habitado por empresas de diferentes tamanhos e interligado aos laboratórios da Universidade. Passados seis anos houve a oportunidade de expandir os negócios da empresa para fora do território brasileiro e abriu-se uma spin-off na incubadora de empresas da Universidade do Porto, em Portugal. Neste período o que mais inquietou a pesquisadora foi a dicotomia entre o que se esperava e se divulgava (tanto da incubadora de empresa, quanto do parque tecnológico) e o que o seu empreendimento, e outras empresas ali instaladas, percebiam na prática. Esta inquietação foi o embrião desta pesquisa.

O presente documento está estruturado em quatro capítulos, onde o primeiro apresenta o enquadramento metodológico do trabalho. O segundo descreve os principais conceitos utilizados e faz uma breve contextualização teórica das ferramentas de promoção do empreendedorismo. O terceiro capítulo é dedicado ao caso de estudo, onde são descritos

os principais instrumentos e mecanismos existentes no concelho de Coimbra para promoção do empreendedorismo e discutidas as principais políticas públicas municipais, fazendo uso do material empírico recolhido, nomeadamente documentos e entrevistas a empreendedores inseridos no contexto de cowork, parque tecnológico e incubadora de empresas. Finalmente, no capítulo quatro apresentam-se algumas recomendações e conclusões.

CAPÍTULO 1 – Enquadramento Metodológico

1.1 Propósito e objetivos específicos

Assumimos como hipótese base para o desenvolvimento deste trabalho que instrumentos de estímulo ao empreendedorismo, como a adoção e implantação de cowork, incubadoras de empresas e parques tecnológicos, podem ser grandes aliados das políticas públicas econômica e social, reduzindo o desemprego e estimulando a economia local, desde que adotadas medidas eficazes, tanto nos setores públicos, quanto nos privados.

Perante este pressuposto, pretendemos detetar e identificar instrumentos e constrangimentos que estão a ser implementadas no ecossistema do Concelho de Coimbra. Buscaremos, portanto, realizar no Concelho de Coimbra, uma avaliação comparativa entre o plano estratégico do município e a implantação de formas de estímulo ao empreendedorismo, realizando uma análise crítica entre os conceitos e a prática encontrada.

Procuraremos abordar a questão da eficácia e a implantação dos mecanismos, principalmente em momentos de crise.

O propósito deste estudo é analisar a eficácia de instrumentos de promoção do empreendedorismo e da economia local, através da implantação de cowork, incubadora de empresas e parque tecnológico no Concelho de Coimbra. Tendo em conta a dificuldade de um trabalho de campo, dado o recolhimento obrigatório imposto pelo governo devido à crise pandêmica, que vigorou durante boa parte do tempo que consagramos a esta pesquisa, o estudo baseia-se fundamentalmente em uma análise bibliográfica, ainda que tenha sido complementado com a realização de várias entrevistas aos atores no terreno.

Assim, durante o processo, foram realizadas entrevistas com os representantes de instituições consideradas estratégicas, para maior aprofundamento do tema e compreensão dos processos adotados, visando uma melhor análise.

Ao realizar este estudo, temos a expectativa de contribuir com uma política mais adequada às políticas públicas socioeconômicas, reduzindo o desemprego e estimulando a economia local. A partir dele, visa-se fazer um conjunto de recomendações para melhorar a cultura empreendedora e aumentar a eficácia do plano estratégico do Concelho.

A presente dissertação visa alcançar os seguintes objetivos associados:

- Analisar as ações para promoção ao empreendedorismo, implementadas no Concelho de Coimbra;
- Identificar e analisar os instrumentos de políticas públicas, sobre o empreendedorismo, visando a promoção do mesmo;
- Analisar se existem efeitos concretos das políticas públicas no empreendedorismo adotado em ambientes de trabalho colaborativo;
- Analisar os efeitos das políticas públicas no Concelho de Coimbra através dos mecanismos de implementação de cowork, incubadora de empresas e parque tecnológico.

O Quadro 1 apresenta de forma resumida, as dimensões da análise adotados neste trabalho.

Dimensões	Definições
Problema	As políticas públicas de estímulo ao empreendedorismo através de instrumentos de fomento específicos possuem efeitos práticos?
Hipótese	Os instrumentos de estímulo ao empreendedorismo, através de instrumentos de fomento, de PT, Cowork e Incubadoras, podem ser aliados das políticas públicas econômica e social.
Avaliação desejada	Comparação entre o plano estratégico implantado no município de Coimbra e o que é percebido nos mecanismos de estímulo implantados.
Dimensão analisada	Cowork, Parque Tecnológico e Incubadora de Empresas
Propósito do estudo	Analisar a eficácia de instrumentos de promoção do empreendedorismo e da economia local, através dos mecanismos de fomento ao empreendedorismo no Concelho de Coimbra
Objetivos associados	<p>Analisar o PE do Concelho de Coimbra em suas ações para promoção ao empreendedorismo na dimensão adotada</p> <p>Avaliar as ações implementadas das políticas públicas na dimensão adotada.</p> <p>Analisar o impacto no empreendedorismo local, na dimensão adotada.</p> <p>Conhecer o impacto das políticas públicas dos mecanismos de fomento estudados ao empreendedorismo.</p>

Quadro 1 – Dimensões de Análise

1.2 Campo de Pesquisa

Entendemos que o campo de análise do fomento ao empreendedorismo é muito abrangente e envolve diferentes esferas de conhecimento e ação, como políticas públicas que envolvem o país como um todo, regiões específicas, câmaras municipais e diferentes freguesias.

Visando tornar este trabalho viável diante ao tempo dedicado à análise e o objetivo fim de tornar este um estudo relevante, optou-se por utilizar como campo de análise o município de Coimbra, sem, contudo, deixar de lado às análises relativas às dimensões mais amplas, como as políticas públicas adotadas pelo país e região centro, no que tange ao empreendedorismo de fomento.

A escolha do município de Coimbra se deu pelo fato deste município se localizar em uma região que abriga uma universidade de grande prestígio e representatividade, principalmente a nível local, possuir políticas públicas com impactos visíveis à população, com a implementação de mecanismos de fomento que incluem o Cowork, o Parque Tecnológico e a Incubadora de Empresas, dimensão foco deste trabalho.

O Quadro 2 nos indica os campos de pesquisa analisados durante o desenvolvimento desta análise

Dimensão	Entidades
Políticas públicas adotadas tanto a nível nacional, quanto regional	IAPMEI, OCDE, ANI, FCF
Políticas públicas adotadas pelo município	Câmara Municipal
Mecanismos de fomento analisados	Cowork Parque Tecnológico Incubadora de Empresas

Quadro 2 – Campos de análise

1.3 Metodologia e Método

Utilizamos como base para o desenvolvimento metodológico deste trabalho os preceitos desenvolvidos por Coutinho (2014). Para Coutinho o processo de investigação contribui para a compreensão de fenômenos sociais através da sistematização, a flexibilização e a indagação, que não só provocam os debates, mas possibilitam a efetivação de ideias inovadoras. A investigação social, pautada principalmente pela multiplicidade de abordagens e paradigmas, deve ser científica e adequada ao tema.

Neste trabalho optou-se por adotar o paradigma interpretativo. Por paradigma entende-se um conjunto de valores, teorias e regras aceitas por uma comunidade científica, tendo como fim a unificação de conceitos e a legitimação dos dados validados.

“O conceito de paradigma deve-se ao célebre historiador Thomas Kuhn que, na célebre obra *The Structure of Scientific Revolution* (1962), o definiu como sendo, em primeiro lugar, o conjunto de crenças, valores, técnicas partilhadas pelos membros de uma dada comunidade científica e, em segundo, como um modelo para o “que” e para o “como” investigar num dado e definido contexto histórico/ social.” (Coutinho, 2014)

O paradigma interpretativo, cuja origem se deu com as ideias de Augusto Conte e com o empirismo de Stuart Mill, se configura como um processo contínuo de construções diversas, construídas pela compreensão e significado das ações estudadas. Visa considerar as múltiplas realidades sociais e subjetivas dos envolvidos, viabilizando que o investigador busque aprofundar o conhecimento oferecendo a possibilidade de abertura de novas perspectivas e expansão do tema.

Esta abordagem oferece a oportunidade de desmascarar uma realidade ideológica que ronda o conceito de empreendedorismo, abrindo novas possibilidades de olhares e status quo de conhecimentos e grupos sociais, possibilitando o repensar de ações críticas e específicas, visando propor formas ativas de intervenção em situações cotidianas, que rondam o tema proposto (Parente, 2014).

O uso do paradigma interpretativo consubstancia-se numa investigação empírica, baseada em raciocínio indutivo e dependente do trabalho de campo não experimental, utilizando fonte de dados variados e uma modalidade de investigação mista.

Nesse sentido, admitimos que o estudo em questão apresenta a combinação dos métodos quantitativos e qualitativos, recorrendo a dados estatísticos, além de pesquisas e entrevistas, quando possível, para compreensão da situação estudada como um todo. Acreditamos que o investigador ao se distanciar do excessivo objetivismo e neutralidade do método quantitativo e da subjetividade do método qualitativo, consegue trazer um olhar crítico para as práticas investigadas favorecendo um olhar propenso ao conhecimento e a possibilidade de operação ativa para a transformação da realidade observada.

Recorrendo às raízes da fenomenologia, esta metodologia de investigação coloca a perspetiva individual sobre a experiência subjetiva, visando reunir um conjunto de dados para analisá-los em sua verdadeira natureza (Leite, 2012).

Após a recolha dos dados para a pesquisa, feita a partir da recolha bibliográfica e de entrevistas semiestruturadas, seguiu-se para a análise de conteúdo dos dados realizada com as seguintes etapas:

- Interpretação dos dados coletados e da bibliografia, visando realizar uma análise crítica dos resultados e indicação de ações que possam promover a melhoria das ações estudadas.
- Elaboração de análise crítica e a perspetiva da promoção do empreendedorismo, alinhado com a realidade e estratégia do Concelho de Coimbra. Complementarmente, pondera-se o envio dos resultados obtidos para os atores estudados, visando a ação no campo prático.

1.3.1 Revisão da literatura

O principal método adotado para o levantamento dos dados necessários é o da revisão da literatura sobre o tema abordado. Através da revisão literária obtivemos muitos dados necessários para melhor compreensão do fenómeno estudado.

Visando a identificação e análise dos dados relevantes a esta pesquisa foram realizadas buscas de documentos, material bibliográfico e informações disponibilizadas na internet com o intuito de situar o estudo no contexto correto e estabelecer o vínculo do tema com o conhecimento já produzido.

Para o levantamento bibliográfico foram realizadas pesquisas nas bases de dados da biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, cuja busca foi direcionada às palavras chaves: empreendedorismo, cowork, parque tecnológico e incubadora de empresas. Isto para além de buscas nas Universidades do Minho, do Porto e de Lisboa, entre outros explicitados na tabela 3, sobretudo para identificar trabalhos académicos relevantes realizados em outras instituições. Destas fontes de consulta foram obtidos dados ERIC (Educational Resourcer Information Center), incluindo relatórios de investigação, papers e resumos de artigos e artigos de revistas e publicações periódicas e dissertações (ver Quadro 3).

Os resultados obtidos foram utilizados na leitura e descrição do material aqui apresentado ou utilizado como fonte secundária.

Dimensão	Definição
Material utilizado	Papers
	Livros publicados
	Teses
	Relatórios de investigação
	Artigos
	Publicações periódicas
	Conteúdo institucional
Fontes de pesquisa	Repositório da Faculdade de economia – Universidade de Coimbra
	Repositório da Universidade do Minho
	Sistema de informação académica Latindex
	Portal periódico CAPES
	Portal online google.com

Quadro 3 – Levantamento bibliográfico

1.3.2 Definição das variáveis

A investigação social costuma estudar conceitos abstratos, como aptidões cognitivas, liderança, entre outros que refletem um conceito com diferentes valores ou dimensões. Do ponto de vista teórico considerar-se-á como variáveis as respostas ou comportamentos manifestados pelos sujeitos analisados, em uma perspetiva teórica, pois, foi impossível a este estudo através de uma observação direta no campo de estudo, devido às restrições impostas pela COVID-19.

1.3.3 Critérios de seleção das entidades a estudar

Entende-se por amostragem o processo de seleção dos participantes do estudo ora apresentado. Devido às restrições vivenciadas, a amostragem se limitou a um participante dos locais apresentados neste estudo. Desta forma optou-se por utilizar o processo de amostragem não probabilística intencional.

A escolha do sujeito participante da investigação, ocorreu de forma intencional através de indicação do próprio local alvo deste estudo, possuindo a obrigatoriedade de pertencer ao local alvo da investigação. O propósito destas entrevistas foi o de verificar os dados

secundários coletados e aprofundar o tema de estudo captando as perspectivas de alguns dos atores chave.

Os locais alvo deste estudo são os cowork, parque tecnológico e incubadora de empresas existentes no município, bem como órgãos públicos de fomento aos instrumentos de empreendedorismo aqui delimitados e citados no estudo.

O Quadro 4 demonstra o grupo de entidades alvo deste estudo

Dimensão	Definição
Políticas Públicas	IAPMEI, ANI, FCF
	Camara. Municipal
	OCDE, QREN, Horizonte Europa, Portugal 2030, Portugal Inovação Social, PRR, RNI, ITI, DLBC
Estudo de caso – Município de Coimbra	Parque Tecnológico IPN
	Incubadora de empresas IPN
	Incubadora de empresas CETEC
	Incubadora de empresas INOPOL
	Incubadora de empresas i9 Social
	Cowork O Pátio
	Cowork IPN
	Cowork CETEC
Cowork INOPOL	

Quadro 4 – Descrição das entidades estudadas

1.3.4 Técnicas de recolha dos dados

Durante a investigação a recolha de dados se deu por duas formas. A primeira baseada na análise de documentos e a segunda em técnicas de entrevista.

A partir do levantamento bibliográfico e dos documentos pertinentes, foi realizado a notação, um processo de realizar breves registos dos fatos levantados. O próximo passo foi transformar a descrição em observações e anotações, alimentando o documento com detalhes e observações.

A recolha de dados junto aos entrevistados se deu através da técnica de entrevista aberta por meio de plataforma de videochamada, tendo como base um guião de entrevista apresentado no anexo 1.

1.3.5 Técnica de análise de dados

Após a coleta dos dados finalizada foi necessário a organização e redução da informação, descartando os dados não essenciais, visando possibilitar a interpretação dos dados alvo deste estudo.

Tal análise se deu através da análise do conteúdo buscando as regularidades nos dados e a possibilidade de comparação entre os resultados. Somente após uma reestruturação regular é possível ao investigador fazer as inerências necessárias.

Desta forma foram definidas categorias e subcategorias, unidas por eixos de análise visando melhor identificação. Estas categorias serão apresentadas nos próximos itens de forma detalhada. O Quadro 5 nos apresenta estas categorias de forma simplificada, visando melhor compreensão.

As análises dos conteúdos possuem um caráter exploratório, ou seja, foram definidas após o início da análise realizada, sem conter um quadro teórico preestabelecido, obedecendo a sequência de pré-análise do material, a análise do conteúdo e a inferência e interpretação formando o resultado.

Categorias	Definição
Conceitualização	Descrição dos conceitos de competitividade, empreendedorismo, inovação, e outros conceitos relevantes, Ferramentas de promoção do empreendedorismo e políticas públicas visam fornecer dados teóricos sobre os conceitos que irão nortear a análise dos dados levantados.
Estudo de caso-caracterização	Descrição e caracterização do Concelho de Coimbra, incluindo as estruturas de incentivo tecnológico, como as universidades, os mecanismos de fomento e a descrição das estruturas de apoio ao empreendedorismo, como os parques tecnológicos, incubadoras e coworks detetadas no Concelho. Realização de um estudo sobre as políticas públicas adotadas a nível nacional, regional e municipal.
Perspetiva do usuário	Pesquisa bibliográfica sobre a perspetiva do usuário dos espaços estudados.

Quadro 5- Categorias abordadas

CAPÍTULO 2 – Enquadramento Teórico Conceptual

2.1 Competitividade

Percebe-se nos últimos anos que o tema empreendedorismo vem assumindo um papel de destaque mundial, especialmente quando se realiza uma análise económica, política e social. O Livro Verde do Espírito Empresarial da Europa (CCE,2003) define que o empreendedorismo é um importante impulsionador da inovação, da competitividade e do crescimento de uma nação.

O conceito de competitividade surgiu na década de 1990, quando Michael Porter lançou o trabalho “Vantagem Competitiva das Nações”, onde descreve que a competitividade não se adota por fatores e nem por especialização de uma determinada região ou país, mas, sim pela produtividade. Segundo Porter, a nação não pode considerar toda a sua produção como competitiva, devendo se focar em setores de interesse. Este conceito é importante para, ao caracterizarmos o Concelho de Coimbra, destacarmos os setores mais relevantes.

Uma região deve definir a competitividade como a capacidade em atrair e manter empresas em mercados estabilizados ou crescentes e simultaneamente se preocupar com o aumento do nível de vida da população local e aumento do número de vagas de emprego (Mariotto, 1991). Somente desta forma pode-se falar em competitividade local.

Se adicionarmos ao que já foi discutido as teorias de desenvolvimento, traremos para esta análise os mecanismos de distribuição do trabalho e seus impactos sociais. Apoiamo-nos na teoria de Shumpeter (1985) sobre desenvolvimento económico que inclui a esta perspectiva o desenvolvimento político e social, onde a ação do empreendedor é o motor para o desenvolvimento econômico, através da inovação no processo produtivo. É a ação do empreendedor que aciona o gatilho necessário para que possa angariar sustentabilidade ao seu negócio.

Seguindo esta teoria, a inovação tecnológica é fundamental para o desenvolvimento. Estas inovações correspondem à introdução de um novo serviço ou produto, um novo método de produzir, a abertura de um novo mercado ou por uma nova organização da indústria, que surgem de forma descontínua.

Para Silva (2012), o desenvolvimento ocorre com o aumento da produção e renda média, resultando em um padrão de vida mais elevado da população local e consequente acúmulo de capital e incorporação de conhecimento técnico produzido.

Desta forma, para que se haja desenvolvimento económico regional, há a necessidade de intervenção do governo local para que haja aumento da capacidade de inovação ao ponto de influenciar a dinâmica social e económica local. Enquanto que o desenvolvimento tecnológico acontece através do dinamismo da atividade empresarial, que gera, transfere e utiliza suas tecnologias para o desenvolvimento do município ou região (Anprotec 2002). O objetivo principal de uma política que leve em consideração a tecnologia em seu desenvolvimento é a promoção de empreendimentos inovadores e do ambiente mercadológico que os cerca.

Outro fator de grande relevância, nos padrões atuais de crescimento económico, é o apoio local à inovação tecnológica, como um instrumento de ação, o que contribui para acréscimo de valor agregado ao polo regional. Neste contexto, o relacionamento e interações com polos universitários, instituições de educação e formação são fundamentais, assim como, o estímulo de centros tecnológicos e reforço de estruturas de serviços de consultoria para a criação de novas empresas, baseadas em ideias inovadoras. Neste sentido, o Concelho de Coimbra, encontra-se em posição privilegiada, com a presença da conceituada Universidade de Coimbra.

2.2 Empreendedorismo e inovação

Vivenciamos um momento económico e social instável, onde se valoriza cada vez mais a integração do conceito de empreendedorismo no cotidiano social e político (Avila, 2015), transformando o termo em uma palavra de uso comum em diferentes meios da economia e social. O empreendedorismo assume nos dias atuais uma resposta possível para a realidade socioeconómica atual e para o crescimento sustentável económico.

Embora o uso do termo seja amplamente utilizado, sua definição não é consensual. Optamos por utilizar uma visão holística sobre o termo, relacionando-o ao indivíduo e suas características pessoais. Richard Cantillon, um economista francês definiu o empreendedor como um sujeito que paga um valor pré-determinado por um produto/serviço, com o objetivo de revendê-lo a um preço não definido, assumindo o risco

a partir do momento que se envolve neste processo (Portela et al, 2008). O empreendedor assume o risco e as responsabilidades de seu negócio fruto de decisões apoiadas em dados incertos. Schumpeter (1985) acrescenta ao conceito a perspectiva da inovação, somando-a ao contexto incerto do empreendedor.

Ainda segundo Portela, o conceito de empreendedorismo atual advém, sobretudo, do reconhecimento dado pelo poder público e pelo papel desempenhado pelas empresas, especialmente, as pequenas, atuando de forma decisiva na vitalização do emprego e na contribuição para o crescimento econômico, principalmente pela recolha dos impostos.

O ato de empreender não se limita a um determinado tipo de setor ou atividade (Valadão, 2017). Para fins deste estudo iremos focar nosso olhar para o empreendedorismo ligado à inovação, de base tecnológica, tornando o empreendimento mais competitivo no mercado em que está inserido.

De forma sucinta apresentamos uma conceitualização da inovação. Inovação é uma invenção com alto potencial de comercialização (Bacon, 1998). A inovação pode ser o resultado de um novo serviço, produto ou um processo interno da organização.

A inovação pode se dividir em quatro tipos: inovação de produto, processo, marketing e organizacional (OCDE, 2005).

Entendemos que a inovação é um processo dinâmico que envolve diferentes atores, como empresas, centros de pesquisa, parques tecnológicos, entre outros. Este fato será apresentado com mais detalhe, visando a análise dos padrões de inovação territorial e sua consequente participação competitiva no território estudado.

Um empreendimento inovador é visto como o produto do meio em que vive e por isso o local é um agente de inovação, capaz de gerar conhecimento, promover aprendizagem e melhor alavancar novos empreendimentos e oportunidades para a região e para a população local (André, 2015). Em outras palavras, uma boa gestão estratégica pode proporcionar fluxos de conhecimento e promoção socioeconômica local. A região que adota a inovação como estratégia funciona como uma espécie de incubadora de novas ideias e de inovação, gerando novos empreendimentos e crescimento da qualidade de vida de sua população.

Seguindo este raciocínio, o empreendedorismo, atrelado ao crescimento econômico, expande seu conceito e altera a perspectiva tradicional, baseada somente no lucro, para

uma visão inovadora e criativa, que inclui a qualidade de vida dos envolvidos no processo (Pires, 2021). Empresas como Google, podem perfeitamente exemplificar esta afirmação, com a inclusão de áreas de descompressão aos seus colaboradores.

As universidades também possuem grande importância na promoção do empreendedorismo, efetivação do registro de patentes e difusão do conhecimento desenvolvido intramuros universitários (Leite, 2018). Entende-se que os habitats de inovação possuem movimentos de unificação e apresentam resultados relevantes na cultura da inovação e do empreendedorismo em todo o mundo (Depiné, 2018). Em diversos países estes ambientes são considerados instrumentos de políticas públicas visando o desenvolvimento local.

De uma forma geral, a sociedade atribui imensa atenção às universidades, com o intuito de favorecer o empreendedorismo. Os Estados Unidos demonstram longa tradição em unir a universidade com empresas, advindas ou não de seus laboratórios (Siqueira, 2013). A prática universitária portuguesa, historicamente age de forma a favorecer o conhecimento e não o empreendedorismo (Siqueira, 2013). Historicamente (Caetano, 2011) as universidades portuguesas mantêm-se separadas do mundo de negócios, enclausurando-se na cultura arraigada do ensino, distante da realidade prática.

Tradicionalmente as Universidades tem como objetivo ensinar os estudantes a pensar, mas, não se preocupam em unir os ensinamentos com a realidade. Até recentemente, o tema empreendedorismo não tinha encontrado território fértil dentro das universidades portuguesas.

O engajamento do governo local apoiando estes empreendimentos, através de incentivos e estímulo a novas ideias, adaptando-se a mudanças necessárias, é essencial para a proliferação e crescimento de empresas com as características ora apresentadas. Principalmente no apoio a infraestruturas, formações e crescimento das start-ups, acesso a rede de informações, facilitação na implementação de incubadoras, coworks e parques tecnológicos.

2.3. Outras definições relevantes

Neste contexto, torna-se necessário definir alguns conceitos relevantes para o entendimento deste estudo:

2.3.1 Cluster

Outra referência para os fatores de competitividade regional é a participação em clusters de atividade, com instituições que fazem o papel de ligação entre negócios formais e informais, com a comunidade e com empreendimentos de pequeno e médio porte.

Os clusters tiveram seu início na década de 1970, quando as pequenas e médias empresas conseguiram sobreviver à crise econômica desta década. O termo cluster foi utilizado pela primeira vez por Marshall, no livro “Princípios da Economia”. Desde então diversos estudos afirmam que a união de pequenas e médias empresas possui grande resiliência no mercado, o que pode ser exemplificado com o Silicon Valley e a Terceira Itália.

Estas pequenas e médias empresas são interconectadas geograficamente com fornecedores, indústrias relacionadas e universidades, em um determinado segmento, promovendo a competição e colaboração entre elas, além de conhecimento especializado e tecnologia de ponta (Guedes, 1997). Um cluster pode incluir todos os empreendimentos componentes de sua cadeia de valor. E as empresas formam uma grande unidade de produção descentralizada.

Um cluster aumenta a produtividade das empresas envolvidas, produz uma força de trabalho altamente capacitada e especializada, aumenta a inovação e amplia a promoção de novos produtos ou serviços no mercado.

Os ecossistemas dos clusters são caracterizados por conhecimentos e empreendedorismo que objetivam o desenvolvimento de inovações, são um espaço para aprendizado coletivo com o compartilhamento de conhecimentos e sinergia entre os agentes do serviço ou produto; podem inicialmente estar baseados em parques tecnológicos ou científicos; promovem a inovação e a competitividade; facilitam a fluidez nas trocas de conhecimento e tecnologia entre as empresas e universidades; e, podem ou não incluir incubadoras de empresas (Depiné, 2018).

Entender as características destes ecossistemas intrínsecos aos clusters é fundamental para a formulação de políticas públicas e para a articulação setorial adequada ao desenvolvimento socioeconômico local.

2.3.2 Start-ups

O conceito de start-up é utilizado quando se fala em um empreendimento em fase inicial. A start-up pode ser composta por um ou mais empreendedores, com atuação voltada para um setor específico (Valadão, 2017).

Uma start-up pode ser representada em diferentes formatos:

- Representa o estilo de vida do empreendedor, que atua de forma integral no empreendimento;
- Derivada de um processo de pesquisa e desenvolvimento;
- Possui crescimento exponencial e é motivo de atração de investidores.

2.3.3 Spin-off

As spin-offs são empreendimentos criados a partir de empresas ou laboratórios de universidades já existentes, que fomentam o novo empreendimento, visando tornarem-se mais competitivas. Normalmente a empresa nasce a partir de uma ideia ou um processo de transferência tecnológica, visando implementar uma inovação ou novos serviços/produtos (Gavin, 1983).

2.4 Componentes do ecossistema do empreendedorismo

O ecossistema do empreendedorismo é formado por diferentes atores que juntos contribuem para o desenvolvimento do empreendedorismo (Fortes, 2020). Este ecossistema não se limita às paredes da organização, pelo contrário, é muito mais amplo. Para um ecossistema empreendedor consolidado são necessários uma base sólida nos microambientes nacionais, a oferta de uma infraestrutura física e social, um setor econômico dinâmico e regras claras de competitividade, capazes de fomentar a criação de novas empresas e ideias (ONU, 2016).

Inclui-se em um ecossistema empreendedor um conjunto de atores que variam desde empresas, de diferentes tamanhos, bancos, grupos de investimento, universidades e órgãos públicos (Mason, 2014). Neste contexto os engajamentos dos órgãos públicos devem ser capazes de oferecer acesso a novos mercados e tecnologia.

As atividades ligadas à inovação possuem um caráter abrangente com ganhos económicos e sociais, sendo considerado um empreendedorismo de alto impacto (Henrekson, 2010). O impulsionamento deste tipo de empreendedorismo requer a implementação de incentivos públicos. Estes incentivos podem variar desde um apoio simples, como por exemplo assistência tecnológica e políticas de desenvolvimento a nível macro, como um ambiente económico estável (Henrekson, 2010), até ferramentas mais complexas para a promoção do empreendedorismo, favorecendo uma economia baseada em conhecimento, onde são geradas ideias e inovações (Santos, 2018).

O conceito de políticas públicas voltado ao empreendedorismo é abrangente. O suporte advindo do Estado é sem nenhuma dúvida um dos pilares mais importantes para a existência de um ambiente empreendedor. A nível global estas políticas estão se ajustando a uma realidade em constante mutação, visando o apoio para a criação de novos empreendimentos e o estímulo à inovação, aliando-se a redes de colaboração e maneiras de absorver as novas ideias que surgem, principalmente de start-ups (OCDE, 2010).

As políticas públicas devem incluir apoio ao empreendedorismo através de instituições governamentais, podendo estas ser universidades ou órgãos responsáveis por incentivar o empreendedorismo.

O suporte governamental inclui os programas de apoio às empresas, os sistemas de incentivo, a criação de centros empresariais, parques industriais, agências de empreendedorismo e sistemas de incentivo (Santos, 2018). Este suporte é essencial para o desenvolvimento de uma atividade empreendedora. O apoio financeiro, embora muito importante, não será alvo deste estudo.

Existe assim uma gama de estruturas de apoio ao empreendedorismo que podem contribuir para o aumento da produtividade, inovação e conhecimento, atuando a nível local, regional ou nacional.

2.5 Ferramentas de promoção do empreendedorismo

Neste ecossistema encontramos ferramentas importantes de propagação ao empreendedorismo e ao aumento da competitividade são eles:

2.5.1 Incubadora de Empresas

A designação advém do conceito conhecido nas maternidades. A incubadora de empresas tem como fim a criação ou o desenvolvimento de pequenos negócios, apoiando-os nas primeiras etapas de sua vida. Neste espaço o empreendimento recebe assessorias empresariais, além de encontrar custos reduzidos e compartilhados com outras empresas ali instaladas (ANPROTEC, n.d.).

Pode-se definir a incubação de empresas como um instrumento capaz de proporcionar novos e emergentes empreendimentos, incluindo o apoio ao seu nascimento, o seu desenvolvimento e a consequente sobrevivência e crescimento, num ambiente protegido e relativamente controlado (Caetano, 2011). Em um paralelo livre, assim como ocorre em uma incubadora neonatal, que em um ambiente controlado permite o fortalecimento de um frágil ser, para que saia em condições suficientemente boas, para que possa amadurecer e crescer de forma autônoma.

Segundo a publicação NBIA (2002), a primeira incubadora do mundo surgiu em Nova York, nos Estados Unidos, onde uma indústria local decidiu arrendar um espaço ocioso de sua fábrica a pequenas empresas, ainda em fase de constituição, apoiando-as em seu crescimento. Charles Mancuso, dono da fábrica, cobrava destas empresas um pequeno valor para o uso do seu espaço. E seu objetivo era o de estimular o crescimento econômico local, em um período de profunda crise econômica, na década de 50. Daí por diante o conceito de incubação evoluiu muito, sendo utilizado como instrumento governamental para momentos de declínio econômico inclusive.

O conceito amadureceu e ultrapassou as fronteiras americanas e se espalhou pelo mundo, principalmente na década de noventa. A evolução do conceito foi nítida, acompanhando a evolução ocorrida na economia e nas mudanças sociais (CSES 2002).

O início das atividades relacionadas a incubadora foi confuso, tendo chamado a atenção do setor imobiliário, em um primeiro momento, visando arrendar grandes espaços, que divididos em pequenas parcelas, poderiam fluir melhor o arrendamento. Na sequência, o Estado, preocupado na revitalização de áreas não utilizadas de seu território e em fomentar a criação de empregos, incentivou a incubação, através de parcerias público e privada (Hamdani, 2006)

Nas décadas de 60 e 70 pode-se observar o crescimento dos programas de incubação, principalmente pelo interesse na pesquisa e no desenvolvimento de tecnologias oriundas dos laboratórios universitários, o que chamou a atenção dos governantes e gerou uma maior aproximação da academia e dos interesses do Estado. (Campos, 2015)

Nos anos 90, emergiu o paradigma relacionado com a incubadora de empresas, que neste momento está intimamente relacionada pela inovação e novas tecnologias. O objetivo principal da incubadora é o de tornar mais ágil o processo de criação das micro e pequenas empresas, incentivando prioritariamente os processos de inovação tecnológica tanto quando pensamos em produtos, como quando falamos nos serviços prestados (Silva, 2012).

Se pensarmos em um ambiente de declínio económico e aumento do desemprego, principalmente com indicadores negativos para as taxas de sobrevivência de micro e pequenas empresas, é fundamental o apoio para os empreendedores e conseqüentemente sustentar seus negócios e empregos. A incubadora se tornou um excelente meio estratégico, para se apoiar os empreendedores, nos primeiros anos de vida de seus empreendimentos e se tornar um relevante impulsionador da economia (Campos, 2015).

Desta forma, a justificativa da existência da incubadora se baseia numa dificuldade para empresas em fase de nascimento no acesso a capital financeiro e intelectual, entre outros ativos. E é neste gap que a incubadora se apresenta como a solução para estas empresas nascentes, a oferecer um conjunto de serviços, com preços acessíveis (Sequeira, 2013)

Dentre os componentes atribuídos ao sucesso deste instrumento econômico destaca-se:

- O espaço físico compartilhado, com serviços também compartilhados;
- Serviços de apoio, como serviços administrativos consultoria, mentoria e assessorias;
- Capacitação dos empresários, envolvendo-os em uma cultura empreendedora;
- Network interno (entre outras residentes e o ambiente local) e externo (o mercado como um todo e as relações da incubadora);

O apoio ofertado a estas empresas faz com que elas já nasçam com uma prospeção financeira viável, altamente competitivas perante o mercado e promissoras em seu crescimento, acarretando uma redução significativa na taxa de mortalidade das empresas nascentes e conseqüentemente contribuindo para a região onde se encontram instaladas.

As incubadoras podem ser classificadas por sua tipografia (Caetano,2011), diferenciando-as pela missão e objetivos estratégicos, sendo eles:

- Incubadoras setoriais, como imobiliário, tecnológica, financeiras
- Incubadoras de desenvolvimento local, normalmente associadas a entes públicos ou privados, como universidades, centros de pesquisa e desenvolvimento ou associações.

Não existe um processo padronizado de seleção para a admissão de empresas dentro de uma incubadora, mas, este processo é de grande importância para a gestão da mesma (Colombo, 2002). Este processo de seleção pode ocorrer de duas formas. Uma focada na ideia do negócio e outra no empreendedor. Segundo Caetano (2019), quanto mais rigoroso o processo, maior o sucesso da incubadora. O tempo de incubação também pode variar de acordo com a organização, sendo o período máximo indicado o de cinco anos pela European Commission (2002). Contudo, a mesma instituição sugere que, em média três anos é o tempo necessário para que as empresas incubadas alcancem autonomia e disponham dos recursos para encetarem os seus voos a solo.

Após a seleção, é indicado que as incubadoras adotem indicadores visando comprovar a criação de valor empresarial. Uma incubadora deve ter sua atenção voltada para algumas medidas de crescimento, tanto tangíveis, como o faturamento, número de vagas laborais, o lucro obtido e as patentes registradas, como intangíveis, como a imagem e marca utilizada e a reputação adquirida no mercado (Caetano, 2019).

O fato é que a incubadora é um eficiente mecanismo de estímulo, através de formação, criação e desenvolvimento de novos empreendimentos, independente do seu objeto (Silva, 2012). Saliente-se a sua função social, que incentiva o empreendedorismo e amplia a participação das pessoas na economia local, principalmente a atuação junto a grupos vulneráveis, como jovens, mulheres, entre outros. Lembremos que para este trabalho nos interessa a incubadora de base tecnológica, onde os resultados das empresas instaladas possuem alto valor agregado.

Comparativamente ao parque tecnológico, apresentado a seguir neste trabalho, as incubadoras não possuem um espaço físico tão amplo, mas, se apresentam de forma mais flexível quando se pensa em atuação. Outra diferença é o fato de que as empresas instaladas na incubadora de empresa possuem um tempo limite para permanecer neste espaço, (Silva 2012). Cada incubadora define este prazo levando em consideração o

tempo de maturação de suas empresas para atingir desenvolvimento consolidado e satisfatório para que possam se graduar e iniciar seu voo a solo.

Segundo um estudo da National Business Incubation Association (NBIA, 2007), a probabilidade de fracasso das empresas que foram incubadas é significativamente inferior às que tentam se fixar sozinhas no mercado, apresentando que a taxa de mortalidade das empresas incubadas é em torno de vinte por cento, enquanto para as demais esta probabilidade está maior do que setenta por cento. Este estudo comprova a eficácia deste mecanismo de promoção do empreendedorismo. Também Caetano (2019) afirma que as incubadoras são uma instituição que facilita a inovação e o empreendedorismo, sendo uma barreira eficaz contra a elevada taxa de mortalidade que ocorre principalmente nos primeiros anos de vida das empresas. A incubadora é um instrumento que protege as empresas ali instaladas das falhas de mercado associadas principalmente à falha de informação para as oportunidades de mercado e em sua representação perante o mercado. A incubadora oferece apoio especializado, acesso a redes de apoio e network, além de infraestrutura física e serviços especializados.

As redes de apoio citadas por Caetano oferecem às empresas incubadas o acesso a recursos externos, financeiros ou não, e conhecimento. Sendo este o principal fator de criação de valor, transformando o processo de incubação como bem-sucedido ou não. É através da rede que as empresas podem ou não ter acesso a fornecedores, parceiros, investidores e clientes potenciais.

Dentre os benefícios para a região onde estão instaladas destacamos a mobilização e uso de recursos locais, através da disponibilização de novas vagas de trabalho, aumento da arrecadação das taxas ou impostos, o que resulta em melhores serviços ofertados pelo poder público para a população local e até a recuperação da indústria local, que além de revitalizadas, ampliam a rede de competitividade, forçando a renovação de seus processos, serviços e produtos e garantindo que a lucratividade dos negócios favorece a população de uma forma geral. Além disso, há a possibilidade de transferência do desenvolvimento realizado nas universidades para a realidade (Oliveira, 2010), garantindo o ciclo de criação, onde o desenvolvimento universitário é cedido para as empresas que comercializam o produto ou serviço desenvolvido, retornando para a universidade, sob a forma de material para estudo e aprimoramento do que foi desenvolvido, como, em muitos casos, o retorno financeiro através do pagamento de royalties.

Segundo Sequeira (2013) os fatores críticos de sucesso de uma incubadora partem do fato de conseguir criar um ambiente propício ao desenvolvimento, ao autoemprego e ao empreendedorismo, atrelados a uma cultura governamental ativa e sensível ao tema. Evidentemente o sucesso de uma incubadora e do próprio processo de incubação estão intimamente relacionados com o programa oferecido, a infraestrutura de suporte, a cooperação com universidade e centros de pesquisa e com os serviços de apoio disponíveis. Uma empresa incubada conta com uma gama de recursos e serviços ofertados pela incubadora, que abrange pelo menos a infraestrutura, apoio à gestão do negócio e network da própria incubadora (Campos, 2015).

2.5.2 Parque Tecnológico

O Parque Tecnológico compreende uma área física, pré-determinada, ocupada por empresas ligadas à tecnologia, normalmente próximas às Universidades e tem o objetivo aproveitar a capacidade científica e técnica dos laboratórios da Universidade. Neste ambiente encontram-se empresas, instituição de ensino, centros de pesquisa e laboratórios e infraestrutura que favorecem a inovação tecnológica (Guedes, 1997).

A aglomeração de universidades, empresas e outras entidades oriundas ou fomentadoras de conhecimento, alojadas em um mesmo ambiente, pode favorecer a inovação (Teixeira, 2020). Desenvolve-se nestes locais uma espécie de celeiro de inovação, que estimula o compartilhamento de informações e experiências, exigindo do local uma infraestrutura adequada ao empreendedorismo.

Estes celeiros dependem das políticas de desenvolvimento local, como espaço de fortalecimento do ecossistema de inovação, dos interesses e compromissos dos órgãos públicos, das empresas e dos institutos de pesquisa.

Neste contexto os parques tecnológicos almejam a promoção da inovação e trazem consigo o desenvolvimento económico, urbano e social local (Guedes, 1997). A instalação bem-sucedida de um parque acarreta a geração de empregos, o fortalecimento da indústria local e a difusão do empreendedorismo, além de facilitar a transferência da tecnologia desenvolvida pela academia para as empresas locais, unindo a academia com a realidade económica e social local.

A expressão parque tecnológico é oriunda da palavra tecnópolis (Magacho, 2011), considerada como a representação do simbolismo de modernidade cultural e científica, simbolizando tanto a cidade (pólis), quanto à ciência (tecno). Assim surge a ideia do parque tecnológico, um ambiente que interliga diferentes atores.

A International Association of Science Parks – IASP reuniu, em 2009, 375 associados e apresenta esta definição oficial para Parques:

“Um Parque Tecnológico é uma organização gerida por profissionais especializados, que tem como objetivo fundamental incrementar a riqueza da comunidade local, promovendo a cultura da inovação e a competitividade das empresas associadas e instituições baseadas em conhecimento. Para atingir tal fim, um Parque Tecnológico estimula e administra o fluxo de conhecimento e de tecnologia entre as universidades, instituições de pesquisa e desenvolvimento, empresas e o mercado; facilita a criação e o desenvolvimento de empresas baseadas na inovação através da incubação e processos de spin-off; e fornece outros serviços de valor agregado junto com espaço físico e estrutura de alta qualidade”. (IASP, 2009)

As empresas instaladas neste ambiente beneficiam das trocas realizadas entre pequenas, médias e grandes corporações, as parcerias com os laboratórios de pesquisas, o relacionamento com as incubadoras tecnológicas e das spinoffs oriundas dos laboratórios da universidade.

O parque tecnológico pode ter sua origem em entes públicos ou privados, que possibilitem a instalação física de empresas de diferentes tamanhos e origens, laboratórios, entes governamentais e investidores, com a intenção de produção de desenvolvimento e inovação com alto valor agregado.

Os parques instalados podem ser temáticos, como por exemplo, um parque voltado exclusivamente para a indústria de petróleo e gás, ou não.

Observou-se, a partir da década de 90 (Zouain, n.d.) uma tendência na criação de parques tecnológicos, um movimento crescente que agrega em seus números a geração de empregos, principalmente de mão de obra qualificada. O estudo indica que 75% dos parques se encontra em regiões centrais, principalmente nas pequenas cidades e 76% destes parques estão instalados próximos a campus universitários.

Zoain fez uma análise dos aspetos que rondam o parque tecnológico, ressaltando os benefícios socioeconómicos e formação de alianças estratégicas, embora, na prática, a relação entre universidades e instituições de pesquisa da região seja muito inferior ao esperado e em muitas vezes insuficiente. Assim como, não estão desenvolvidas as formas de captação de recursos financeiro principalmente como capital semente.

2.5.3 Cowork

O Cowork é um modelo de trabalho que se baseia no compartilhamento de espaço e de custos. Os ocupantes deste espaço são, normalmente, profissionais liberais, pequenos empresários ou micro empreendedores. Pode reunir no mesmo espaço empresas de um mesmo segmento de atuação ou não. O objetivo principal do cowork é oferecer em um único ambiente a possibilidade de relacionamento empresarial (networking) e a socialização com pessoas em igual situação (Suarez, n.d.).

O cowork nasceu nos chamados “*Caffés Littéraires*”, no século XX, estabelecimentos que funcionavam como locais de ponto de encontro, disponíveis para quem quisesse estudar, realizar uma reunião ou apenas um ponto de encontro. E foram nestes locais que surgiram muitos dos movimentos artísticos e movimentos históricos hoje reconhecidos (Moriset, 2014). Mas, foi somente em 1999 que Bernie Dekoven, um designer de games denominou este tipo de espaço juntando ao conceito a ideia de um espaço de trabalho, colaborativo, com compartilhamento de telas e informações, trazendo a ideia de trabalho igualitário conjunto.

Em 2005, o conceito foi reconhecido, quando um engenheiro, americano, chamado Neuberg, transformou um espaço ocioso em um ambiente produtivo. Transformou um galpão em um espaço para o centro comunitário local, destinado a mulheres que queriam desenvolver suas atividades laborais (Botsman, 2011). Este espaço possuía oito mesas para realização de trabalho a ser executada duas vezes por semana. O ambiente compartilhava espaços destinados a relaxamento, alimentação e atividades de lazer. Possuía um horário fixo de entrada e saída. A princípio a ideia compartilhada não obteve o sucesso esperado, e, por muito pouco o espaço não foi encerrado. Foi somente após a mudança de local que o projeto do trabalho colaborativo recebeu a visibilidade necessária.

O nome cowork foi criado no ano de 1999, com o intuito de criar uma extensão do trabalho, como um home office, só que compartilhado.

Atualmente temos diferentes conceitos sobre o cowork, utilizaremos para este estudo o conceito de Lumley (2014) que afirma que o cowork é uma comunidade laboral para empreendedores, autônomos e profissionais em um espaço flexível, principalmente para profissionais criativos e independentes, que utilizam este espaço para unir e trabalhar de forma independente ou em colaboração, de acordo com o desejo destes.

O cowork é um local onde os sujeitos interessados no espaço laboral se reúnem com o intuito de criar valor, compartilhar informações e cooperar com o que podem testar suas ideias e modelos de negócios, tornando-se uma prática econômica inovadora e flexível (Rovira, 2019).

Normalmente os coworks são constituídos como um ambiente informal ou estruturados de forma pouco formal, tendo flexibilidade nos horários, nas trocas de recursos, informações e serviços. Além de proporcionarem a formação de network e amizades (Spinuzzi, 2010).

Há ainda a tendência de terceirização dos espaços do cowork por empresas e até por profissionais que não se contentam com os espaços de home office (Soares, 2015), ampliada pelas mudanças das relações laborais, agravadas pela crise provocada pelo COVID-19. Assim, os cowork proporcionam formatos de trabalho adaptados e variáveis, e, rompem com formas de trabalho tradicional (Soares, 2015).

O cowork possui valores fundamentais para que possa ser caracterizado como cowork, são eles (Soares, 2015):

- Transparência nas discussões e no processo de tomada de decisão, entre os membros;
- Formação de uma sociedade laboral, com a articulação entre todos os envolvidos, sendo que o interesse do grupo vem sempre antes dos interesses individuais. Um espaço onde há uma formação do espírito comunitário e a formação de uma rede de comunicação entre os participantes;
- Acessível a todos que tenham interesse em estar neste espaço. Os espaços podem variar na aceitabilidade de seus participantes, como veremos abaixo, mas a ideia fundamental é de acessibilidade, numa atmosfera mais flexível do que um escritório convencional e menos dispersa que um café;

- Sustentabilidade no compartilhamento dos espaços, com uma divisão igualitária dos custos e despesas relacionados ao espaço e à atividade laboral. Uma ideia de economia compartilhada nos ativos físicos (inerentes a um escritório) e intangíveis (informação, conhecimentos, experiências, entre outros);
- Colaboração entre os participantes e o meio que os cerca, onde se aprende e ensina.

O cowork não necessariamente é um espaço voltado para a inovação, embora a forma de trabalho proposta por este espaço, por si só, proponha uma rutura nos relacionamentos laborais tradicionais e constitua uma forma de impulsionar as inovações dos que ali trabalham (Rovira, 2019). Ford (2003) destaca que o network e as relações interpessoais e comerciais impactam de forma considerável a sustentabilidade de seus negócios e proporcionam melhoria competitiva no ambiente econômico. A troca de informações e experiências amplia a capacidade de inovação e o desenvolvimento de novos serviços e produtos.

A mudança das relações organizacionais vem se alterando gradativamente, tendo sido ampliada após a pandemia de 2019. E o cowork se encaixa nesta nova mudança, a partir do momento em que proporciona ao usuário do cowork um espaço de trocas e conhecimentos, reduzindo o gap dos partícipes com o meio laboral (Rovira, 2019).

O network é a grande vantagem proporcionada pelo cowork. Mintzberg, em 1973, escreveu sobre o papel dos gestores, que tinham a intenção de realizar contatos com pessoas fora do círculo de relações da sua organização. A partir de então as redes sociais, quando utilizadas com o intuito de se ter estratégias de carreira ou negócios, foram designadas como fazendo parte da network. Tal conceito foi aprimorado com o tempo e as relações e comportamentos sociais influenciados por interesses de negócios foram atrelados ao sucesso do negócio em si. Desta forma, o sucesso da organização não depende somente do sucesso de seu produto ou serviço, mas, também, e principalmente dos contatos que se possui (Rovira,, 2019).

Bouncken (2016) afirma, em seu estudo, que o acesso a uma rede de relacionamentos, proporcionado pelo espaço do cowork, tem impacto positivo na produtividade de seus participantes e, conseqüentemente, no crescimento de seus negócios. O uso das redes de relacionamento tem efeito positivo no potencial da inovação de diferentes tamanhos de empresas (Bischoff, 2011). Com a globalização e o conseqüente aumento da competição no mercado, aliado a constante mobilização da mão-de-obra e do conhecimento das

organizações, o cenário da inovação foi alterado (Leonard-Barton, 1995). As redes de relacionamento se tornam essenciais para aumentar a capacidade inovativa. A partilha do conhecimento aumenta o oxigênio dos empreendimentos, independente do seu tamanho (Bartlett, 1989). Este fato amplia a responsabilidade dos gestores dos espaços de cowork na coordenação do network que ronda estes locais.

Existem diferentes formas de apresentação de um cowork, Spinuzzi (2012) classifica o cowork como:

- Um local de uso comunitário, onde o trabalho é realizado em espaços, que possuem áreas destinadas à conversas e telefonemas, podendo estas áreas serem de uso comum ou privativo.
- Um espaço único cujo objetivo é o compartilhamento de ideias e trocas profissionais de forma flexível;
- Um ambiente pensado e constituído pelo proprietário do espaço, meticulosamente pensado nas relações de trabalho, na colaboração entre as equipes e no network, que pode se apresentar de forma mais ou menos formal;
- Um ambiente de trocas não limitado ao espaço físico, utilizando as redes sociais e de colaboração diversas (Spinuzzi, 2012).

Embora se tenha muitas vantagens em estar no ambiente do cowork, existem pontos a serem considerados, como a falta de privacidade, a falta de confidencialidade e a vulnerabilidade das ideias geradas. Há também a necessidade de o usuário se adaptar ao modelo proposto, não se tornando colaborativo ou participativo (Leforestier, 2009).

No ano de 2007, a Wiki of Coworking fez uma pesquisa com o intuito de identificar as reais expectativas dos usuários deste tipo de atividade. O que foi identificado foi que o ponto forte, na percepção dos usuários, é a participação destes no processo e o fato do ambiente dos espaços de cowork ser propício à inovação e à criatividade (Munhoz, 2013). As desvantagens de um ambiente não privado, e muitas vezes barulhento, não são relevantes para os entrevistados. Como descrito por Munhoz:

“As características relacionadas à individualidade de cada participante, como espaço personalizado, privacidade e espaços silenciosos são menos valorizadas do que os aspetos coletivos, já que os objetivos de todos os envolvidos estão voltados para a necessidade de compartilhar e se relacionar.

Buscando atender às necessidades dos coworkers, diversos benefícios são oferecidos para que os usuários se tornem frequentadores assíduos do espaço. O fato de pertencer a uma comunidade; além disso, a adesão a determinados planos coloca à disposição do participante alguns serviços adicionais como assistência de marketing, design gráfico, desenvolvimento de web e, em alguns casos, até mesmo serviço de massagem constitui-se no principal benefício. Além desse benefício, outros considerados importantes são conselhos, suporte, promoção, mentoria, coworker.” (Munhoz, 2013)

2.6. A visão dos usuários quanto a estes instrumentos

Feil (2018) realizou uma pesquisa entre usuários de incubadoras e de parques tecnológicos visando relacionar as expectativas dos gestores das incubadoras e parques e dos seus usuários. Segundo afirma em seu estudo, as informações coletadas pelos usuários revelaram que a agregação do conhecimento e as perspectivas de expansão dos negócios estão alinhadas com as definidas pelos gestores, tanto das incubadoras, quanto, dos parques tecnológicos. Já na perspectiva de análise dos indicadores de conhecimento e das ofertas de estrutura de apoio disponibilizadas aos usuários, especificamente nos processos de gestão, notam-se algumas divergências. O estudo enfatiza que o processo de gestão e cooperação entre a academia, empresas e governo, necessita de uma revisão dos valores compreendidos neste processo.

Outra crítica dos empreendedores auscultados neste estudo está relacionada a área de foco destes instrumentos de fomento, a ausência de foco é um grande prejudicial aos empreendedores residentes. Houve, também, uma grande demanda de conhecimento em marketing, finanças e recursos humanos, reconhecendo-se que há necessidade de maior interação entre as empresas residentes destes espaços.

Freitas (2011) realizou outra pesquisa no âmbito das incubadoras de empresas e ressaltou em seu estudo que o empreendedor usuário da incubadora de empresas conhece muito o seu produto ou serviço, mas desconhece o processo de gestão e organização. A sua pesquisa confirmou que os usuários se mostram extremamente satisfeitos com o desempenho da incubadora em relação ao compartilhamento dos espaços físicos e consultorias. Ainda assim, mostrou uma defasagem entre o que os gestores de incubadora

percebem em relação às empresas e o que as empresas demandam da incubadora. Neste aspecto destaca o acesso aos centros de difusão de conhecimento técnico e a aproximação ao mercado.

Em relação aos usuários do cowork, Cruz (2018) realizou uma pesquisa com os empreendedores usuários do cowork, sendo relatado que os principais atrativos pela escolha deste instrumento de fomento são o custo associado ao uso do espaço, seguido pela formalidade e profissionalismo do ambiente e o uso do endereço comercial. Ao serem indagados sobre a adaptação ao uso do espaço, 74.6% dos usuários afirmaram que não tiveram nenhum tipo de dificuldade em se adaptar ao ambiente e que 6,32% consideraram de grande importância a localização do cowork. Ao analisar especificamente as atividades relacionadas com a inovação e o desenvolvimento tecnológicos, verificou-se que os usuários valorizam o network favorecido pelo local.

Analisando esses dados, constata-se a importância desses recursos devido às necessidades que os profissionais têm para desempenharem suas atividades, sendo que os resultados obtidos pelos usuários foram de um aumento de 38,10% de sua rede de contatos logo após o início das atividades neste espaço. Além dos dados já expostos, os usuários evidenciaram como pontos positivos, o fato de terem um endereço fiscal e comercial; flexibilização de horários, e, eventos, como rodadas de discussão e workshops. Em compensação destacou-se como pontos negativos a redução da privacidade, a dificuldade de compartilhar espaços, a ausência de outros usuários e a exposição no espaço.

Já Barboza (2015) destacou em seu estudo que os usuários não estão interessados no arrendamento de espaços ou na gestão deste local. O usuário exige deste instrumento de fomento uma ligação estreita ao empreendedorismo, com o fomento de ideias e soluções aos seus clientes, proporcionando um ambiente propício a inovação

2.7. Políticas públicas de apoio ao empreendedorismo

A União Europeia tem como prioridade elevar os números relacionados ao empreendedorismo e inovação em seus países membros, explicitado pela Estratégia Europa 2020, que entre seus preceitos inclui a iniciativa para as políticas públicas relacionadas com a inovação para os anos seguintes, intitulada “Innovation Union” (Santos, 2018).

Esta estratégia exige elevados investimentos na infraestrutura que possibilite a concretização deste objetivo, entre outros aspetos em espaços destinados a empreendedores, que possam ter acesso a uma gama de serviços para o desenvolvimento de seus negócios.

No que tange aos objetivos deste estudo nos interessa as perspectivas de análise presentes no Quadro 6:

Suporte financeiro	Apoio financeiro oriundo dos órgãos governamentais
Suporte de rede	Atores de incentivo ao empreendedorismo
Suporte governamental	Programas de apoio a micro e pequenas empresas e empreendedores individuais.
Suporte do mercado	Apoio na divulgação e parcerias públicas e privadas

Quadro 6 – Perspetivas de análise

Em linha com esta prioridade da União Europeia, nos últimos 20 anos, Portugal aumentou significativamente o investimento em políticas públicas e em estruturas de suporte ao empreendedorismo, tanto a nível nacional quanto a nível local, atrelando, principalmente, o conceito de criação de empregos e empregabilidade às iniciativas (Santos, 2018).

As políticas relacionadas ao empreendedorismo, em Portugal, possuem diferentes instrumentos para o desenvolvimento de novos negócios e o seu fomento. Este suporte aliado a políticas públicas formam um forte pilar ao apoio ao empreendedor e à inovação. Dentre as ações desenvolvidas, destacam-se as relacionadas com a inovação social e com o empreendedorismo social, em cooperação com associações, bem como o favorecimento do empreendedorismo individual (OCDE, 2010).

Segundo Fernandes (n.d.) todas as políticas adotadas pelo território português devem possibilitar o uso inteligente e ótimo dos recursos existentes ou criados. Estes recursos essenciais são as matérias primas, as fontes de energia, mão de obra qualificada, acesso ao saber gerado por instituições de ensino ou outras relevantes. Aliadas a agências de desenvolvimento que fomentem a melhor gestão dos recursos e a uma visão de futuro, o acompanhamento dos sinais emitidos pelo mercado e o poder de decisão podem modificar a trajetória do desenvolvimento do território como um todo.

Observou-se durante a pesquisa que o governo ampliou sua atuação com o objetivo de trilhar o caminho ótimo para aumentar a competitividade empresarial e identificar as práticas com melhor resultado para empresas e polos de inovação, assim aumentando a

produtividade das empresas portuguesas, tanto a nível nacional, quanto internacional (Andrade, 2019)

As políticas de incentivo podem dividir-se em três categorias: políticas a nível nacional (incluindo aqui as políticas advindas da comunidade europeia), políticas regionais, e políticas municipais. Neste capítulo, deixaremos de fora as políticas municipais, que abordaremos mais à frente, no âmbito do estudo de caso.

2.7.1 Políticas e instrumentos públicos a nível nacional

Segue-se uma descrição das principais políticas e instrumentos públicos que, de forma mais direta ou mais indireta, apoiam o empreendedorismo.

- QREN

Tendo como base o Quadro de Referência Estratégico Nacional, o QREN, apresentaremos uma análise dos programas de incentivo detetados.

O QREN apresenta a referência do enquadramento econômico e social em Portugal entre o período de 2007 e 2013 e constituiu um importante instrumento de estratégia do país, visando atingir níveis elevados de desenvolvimento socioeconômico e o aumento da qualidade das instituições públicas existentes. Foi operacionalizado através de programas operacionais temáticos (ver Figura 1) tanto a nível nacional, quanto a nível regional. Estes programas valorizam três grandes agendas operacionais que abordam três temas: o potencial humano, fatores de competitividade económicos e a valorização do território português.



Figura 1 – Programas Operacionais QREN

Os programas referentes ao QREN foram cofinanciados pelo Fundo Social Europeu e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional. Este programa foi renovado para o período compreendido entre 2014 e 2020, mas, não há indicação para o período pós 2021. Pelo menos até o fim deste estudo.

Os programas operacionais temáticos abrangidos e de interesse para este estudo são:

- COMPETE – Programa operacional fatores de competitividade, que apoia o investimento em empreendedorismo e inovação, com a disponibilização de instrumentos de financiamento em duas categorias: instrumentos de reforço de capital próprio e de capital proveniente de terceiros. O Programa inclui ações de estímulo coletivo de instrumentos de apoio indiretos a empresas; apoio a sistemas de apoio tecnológico e científico nacional; modernização da administração pública, tornando-a mais eficiente e eficaz; incentivo à criação de polos de tecnologia e de competitividade e clusters.
- POPH – programa operacional potencial humano, visando o apoio à qualificação de pessoas com necessidades especiais.
- POVT – Programa operacional temático de valorização do território nacional, visando criar condições positivas de desenvolvimento ao crescimento económico e do emprego, utilizando-se da qualificação da mão de obra para a promoção da competitividade mercadológica.
- Mais Centro – É um instrumento para implantação de intervenção de promoção da região centro, sendo as suas prioridades de ação a formação de recursos humanos, reforço da competitividade económica, através da promoção ao empreendedorismo e da inovação em empresas já existentes, desenvolvimento de clusters, promoção de conhecimento e valorização do território regional.

- Órgão de Fomento IAPMEI

Embora o IAPMEI seja um órgão de fomento, optamos por incluí-lo a este tópico, visando relatar o conjunto de ações propícias a este estudo, devido à relevância de sua atuação, cuja missão está relacionada com o empreendedorismo. Note-se que no decorrer do texto haverá menções aos programas adotados por este órgão.

O Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação, conhecido com a sigla IAPMEI, foi fundado em 1975, um instituto público, com o objetivo de apoiar as empresas micro e pequenas, fomentando o seu desenvolvimento na economia portuguesa.

Sua capacidade de suporte se dá por todo o ciclo de vida da empresa, desde soluções financeiras, por exemplo crédito e capital, até fundos participados e programas de apoio na gestão.

Tem como finalidade a disponibilização de instrumentos da política pública para as empresas, favorecendo seu crescimento, através da oferta de um conjunto de projetos de apoio e fomento à inovação e ao empreendedorismo, afetando-as positivamente.

Dentre suas ações oferece capacitações e formações na academia de PME, além do compartilhamento de informações e conhecimentos em diferentes formatos, como seminários e workshops.

Outra iniciativa é o passaporte para o empreendedorismo, um programa que visa o desenvolvimento de novas ideias e projetos empreendedores, ainda na fase de ideação. Procura ser um estímulo à inovação tanto de produtos, quanto de serviços e processos, articulado em forma de bolsas, mentorias e assistência técnica.

Os programas e políticas adotadas por esta entidade são múltiplos, como o startup Voucher, o Portugal 2020, Portugal Sou Eu, entre outros, os quais contribuem de forma efetiva para o desenvolvimento econômico nacional, formando empreendedores altamente competitivos, tanto para o mercado nacional, quanto para o internacional, ampliando as condições de vida da população e aumentando novos postos de trabalho.

O IAPMEI funciona em articulação com os municípios, conforme informação obtida na entrevista junto a este órgão:

“Portanto, nós somos a administração central do estado, as câmaras são ação da administração local, mas, existe uma ligação muito próximas ao IAPMEI (...), nós falamos muito com os presidentes das câmaras e os gabinetes da área de economia e economia empresarial que as câmaras têm...”

- ANI

A promoção da inovação no território português é o objeto da ANI, a Agência Nacional de Inovação, que tem como missão apoiar e fomentar a inovação no ambiente empresarial, proporcionando a cooperação na tríade indústria, universidade e pequenas empresas (Andrade, 2019), desta forma fortalecendo a economia portuguesa e tentando-a colocar no grupo de países europeus mais inovadores. Assim como descrito no IPMEI, a opção de inclusão desta agência se deu por sua importância no fomento ao empreendedorismo e as associações existentes com outras instituições, dos quais existem programas relevantes aqui citados. Dentre as iniciativas abrangidas nesta agência destacamos:

- Apoio a proteção da propriedade industrial
- Sistema de incentivos fiscais à I&D empresarial
- Reconhecimento de centros de interface.

Os centros de interface são agentes de valorização do conhecimento científico e tecnológico que visam potencializar a transferência de conhecimento para as empresas, a melhoria da eficiência da produção e apoio das atividades de desenvolvimento tecnológico e inovação (DRE, 2016).

Dentre suas ações encontramos programas vinculados a ANI, que não são uma iniciativa direta desta agência, mas, sim frutos de acordos institucionais.

Como os estes programas que estão inclusos na ação denominada Medidas Portugal 2020. Esta ação visa a promoção da indústria portuguesa e inclui o cofinanciamento em entidades portuguesas inclusas em projetos europeus e o sistema de incentivo ao desenvolvimento tecnológico nacional. Dentre suas atividades integra as ações provenientes de acordos internacionais e da comunidade europeia, como a Rede Eureka e o EUROSTARS.

A Rede Eureka abriga mini redes cuja função principal é dinamizar o desenvolvimento de novos projetos e ideias, além da formação de clusters, para o desenvolvimento de novas tecnologias.

O programa EUROSTARS é dedicado ao financiamento de empresas de micro e pequeno portes, com alto potencial de atividades ligadas ao desenvolvimento tecnológico e à inovação. Além de promover a internacionalização dos produtos e serviços desenvolvidos por estas empresas e incentivar o registro de propriedade intelectual.

Outra ação relevante é o Sistema de Incentivo Fiscais à I&D empresarial – SIFIDE, que tem como intenção aumentar a competitividade das empresas, através da dedução do valor gasto com pesquisa e desenvolvimento ao IRC. Seu objetivo é fomentar a participação do setor privado na rede de inovação, incentivando as empresas a efetivamente a aumentar esta participação com a redução dos seus custos diretos relacionado ao desenvolvimento.

Destaque ainda para a AEMITEC – Associação para Inovação Tecnológica e Qualidade, que conta com um financiamento anual na ordem de 148 milhões de euros, oriundos de fundo público nacional e presente em Coimbra, tendo um de seus associados a Universidade de Coimbra.

- Programa Horizonte Europa

Este programa é proveniente da Comissão Europeia e visa o financiamento à investigação e inovação na Europa inicialmente para o período compreendido entre 2014 e 2020, mas, devido ao seu sucesso, renovado para o período entre 2021 e 2027, com um orçamento de 95 milhões de euros.

Este programa visa apoiar a promoção da inovação para a criação de um mercado voltado para o desenvolvimento tecnológico e mercadológico local, sendo alicerçado em três conceitos principais, a excelência técnica, os desafios e competitividade europeu e a inclusão. Para este estudo, o primeiro pilar nos interessa mais no sentido em que seus objetivos incluem a criação de mercados e competências voltadas para inovação, principalmente os setores mais atingidos pela crise pandêmica.

- Portugal 2018-2030

Através da resolução 25/2018 (DRE,2018) o governo português assumiu o compromisso de impulsionar o crescimento económico, através da inovação, pelo estímulo da empregabilidade e da produtividade.

Este programa se apoia em oito eixos principais. Aqui nos interessa o eixo inovação e conhecimento, que visa assegurar o desenvolvimento tecnológico e criar as condições de competitividade empresarial e o eixo da competitividade e coesão do território, cujo fim é assegurar a coesão e dinâmica económica

- Portugal Inovação Social

Este programa foi criado pelo governo como o objetivo de desenvolver e dinamizar o segmento mercadológico do investimento social, para o apoio a iniciativas relacionadas com a inovação e com o empreendedorismo social.

Dentre as ações, destacamos o IIES, um fundo para a inovação social, criado em 2018, que financia projetos de inovação e empreendedorismo social, com finalização prevista para o ano de 2023. Tem como fim o desenvolvimento de soluções inovadoras para problemas sociais relevantes, ou a redução dos mesmos. Existem duas formas de atuação: direta no problema alvo ou indireta, através de projetos ou organizações com benefícios sociais.

- PRR

Segundo o plano de recuperação e resiliência (PRR) foi definido um grupo de ações e investimentos que visam aumentar a competitividade territorial e a atração de empresas.

Este plano foi desenhado após a crise pandémica de 2020 como uma forma de resposta imediata para as restrições económicas e sociais causadas pela crise. Este plano permitirá a Portugal aceder a aproximadamente cinquenta milhões de euros para serem empregados no período entre 2021 e 2029, em diferentes segmentos alvos. Este é um programa nacional que visa entre outros objetivos o crescimento económico sustentável.

O programa é dividido em diferentes componentes. Aqui nos interessa destacar duas componentes, a 5 e a 16, que tratam do empreendedorismo e da inovação. Anexamos duas figuras (figura 2 e 3) retiradas do plano de recuperação e resiliência de forma a ilustrar os objetivos e investimentos alocados em cada uma das componentes.

A componente 5 tem como objetivo ampliar a competitividade e a resiliência de empresas de base tecnológica e inovação, atuando na capitalização de empresas ativas economicamente antes da ascensão da crise pandémica e estimular o investimento produtivo nos segmentos de interesse estratégico



Figura 2 – Componente 5 do PRR (Portugal, 2021)

Dentre as vertentes apoiadas nesta iniciativa encontramos os seguintes interesses:

- Promoção da pesquisa, desenvolvimento e inovação nas empresas;
- Implantação de um banco português de fomento (BPF), já criado pelo DL n.º 63/2020, visando o apoio ao tecido empresarial;
- Incentivar a integração entre o sistema académico, científico e tecnológico, e o tecido empresarial do território nacional;



Figura 3 – Componente 16 do PRR (Portugal, 2021)

- FCT

A Fundação para a Ciência e Tecnologia é uma agência pública nacional que visa apoiar a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico em diferentes áreas de conhecimento. Teve seu início em 1997 e tem como missão a promoção do conhecimento tecnológico em território nacional com elevados padrões internacionais e a sua difusão na sociedade local e no mercado. Assim como o IAPMEI foi incluído nesta secção como forma de inserir o conjunto de ações associadas a esta fundação relevantes para o fomento do empreendedorismo.

Sua atuação ocorre essencialmente através de concursos de bolsas e de investigação como forma de financiamento de projetos de desenvolvimento tecnológicos, além de apoio a centros de investigação.

Dentre suas ações de financiamento destacamos os atrelados ao interesse deste estudo, que são:

- Bolsas de doutoramento e pós-doutoramento em empresas;
- Programas de apoio à contratação dos melhores doutorados;
- Diferentes tipos de apoio para os projetos de investigação em diferentes segmentos de atuação
- Apoio a programas de infraestrutura e equipamentos para pesquisa e desenvolvimento.
- Acesso a fontes de financiamento a nível nacional e internacional e em cooperação com investigadores.

- COTEC

A COTEC é uma associação nacional empresarial, sem fins lucrativos, voltada para a promoção da inovação. Esta associação, formada em 2003, inclui empresas de diferentes portes e atividades económicas. Suas atividades incluem ações que contribuam para as políticas públicas para a inovação. Embora não seja uma ação governamental, enquadrámos sua atuação na promoção de políticas públicas voltadas para o fim da inovação. Dentre seus apoiantes encontramos o sistema nacional de inovação de Portugal.

- RNI

A Rede Nacional de Incubadoras e Aceleradoras tem como objetivo interligar e identificar as incubadoras do território português, visando promover a cooperação e partilha de recursos e conhecimento, com mentores e investidores, para a promoção e formação de seus gestores e equipas envolvidas.

Dentre as ações propostas, a rede disponibiliza os seguintes programas aos seus associados:

- Programa semente

Trata-se de um programa para investimento em capital social de start-ups inovadoras por investidores individuais, favorecendo o crescimento de projetos empresariais de empreendedorismo e inovação com um regime fiscal mais favorável para o investidor, de até 25% do capital investido em deduções fiscais.

Para serem alvo do programa as empresas devem possuir um certificado de PME emitido pelo IAPMEI e estarem certificadas pela RNI como start-up semente.

Com este programa pretende-se ampliar o investimento em empresas start-ups, facilitando o acesso ao capital inicial, reduzindo assim, a mortalidade das empresas nascentes e aumentando a criação de novos empreendimentos.

- Programa vale incubação

Este programa visa o fornecimento simplificado de apoios a projetos em empresas com menos de um ano de existência, através da contratação de serviços de incubação nas incubadoras pertencentes à RNI.

Estes apoios incluem serviços de gestão, de marketing, assessoria jurídica e desenvolvimento de produtos e serviços de financiamento.

Os incentivos recebidos são não reembolsáveis em até 75%, com um limite de 7.500 euros.

2.7.2. Políticas públicas a nível regional

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro aprovou a visão estratégica para a Região Centro 2030, referenciando seu documento principalmente nas consequências previstas no pós crise pandémica (CCDRC, 2020).

Em relação ao sistema de inovação, segundo o documento, a região centro se destaca por suas empresas inovadoras, integradas em diferentes sistemas produtivos regionais, as entidades do sistema científico e tecnológico nacional e suas transferências de conhecimento para as empresas, o que, aliado aos apoios recebidos dos fundos europeus estruturais e de investimento (FEEI) e à estratégia de empresas influentes, resulta em uma região fortemente inovadora, alinhada com as prioridades nacionais.

A região centro possui um tecido empresarial, com aproximadamente 18.146 instituições relacionadas com a economia social, o que corresponde a 25,2% do total nacional (CCDRC,2020). Este é um nicho de atuação amplamente representado nas iniciativas públicas relacionadas com a inovação social, o que indica um potencial relevante de inovação social nesta região.

Em relação á inovação há ainda assim muito a ser feito, sendo necessário criar condições nas micro e pequenas empresas para a melhoria da sua capacidade de absorção da transferência tecnológica, Para tal, é sugerida a criação de núcleos destinados a este fim, além da capacitação e absorção de recursos humanos qualificados e da necessidade de reforço e suporte à incubação e do trabalho em rede desses centros. Inclui-se ainda nas prioridades o apoio a clusters, centros tecnológicos e outras estruturas de interface, que possibilitem a transferência tecnológica para as empresas da região e sua futura transformação em atividades relacionadas com a inovação.

A região de Coimbra possui diferentes estágios de desenvolvimento e igualdade social, exigindo do gestor um olhar extremamente exigente. Para isso a região assumiu três dimensões específicas de atuação, sendo ela a ambiental, incluindo os vetores da economia circular; a liderança dos processos relacionados com a inovação, incluindo a exportação de serviços e produtos; e, o compromisso da valorização de recursos e equidade social.

Para a implementação destes eixos foram definidos os seguintes planos de ação, com importância para este estudo:

- Coimbra uma região + inteligente, com a consolidação de uma rede formada por universidades, centros de investigação e infraestruturas de base tecnológica voltadas para a transferência do conhecimento para PME. Promove-se a incubação, especialmente nas áreas de conhecimento relacionadas a engenharia e ciências de computação
- Coimbra mais conectada, cujo objetivo é reforçar a transferência de conhecimento e cooperação, principalmente para os territórios de mais baixa densidade.
- Coimbra mais social, com o desenvolvimento de abordagens relacionadas com as necessidades sociais mais relevantes a nível regional.
- Desenvolvimento de tecnologia e inovação relacionadas com o mar, especificamente potencializando o Marefóz, da região da Figueira da Foz, além da conexão em instalações de unidades de aquacultura.
- Reforçar o papel da região de Coimbra como polo de conhecimento e inovação biomédica e biotecnológica.

Além do plano estratégico da região foram detetados os seguintes programas de apoio relacionados com o tema deste trabalho:

- ITI

Os investimentos territoriais integrados (ITI) visam combater os desequilíbrios regionais e potencializar os recursos locais. Estão interligadas com as estratégias territoriais.

Seus apoios incluem intervenções das instituições municipais e intermunicipais, através do investimento dos FEEI na ordem de 354 milhões de euros, por meio do programa operacional da região centro, ligado ao programa Centro 2020. São ações prioritárias a qualificação e a criação de empresas e emprego, entre outros.

- DLBC

O programa de desenvolvimento local de base comunitária visa a promoção local do desenvolvimento e diversificação económica de base rural, urbana e das zonas pesqueiras e costeiras.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

3.1 Caracterização do Município de Coimbra

3.1.1. Principais indicadores demográficos e económicos

Coimbra é a cidade capital do distrito de Coimbra, situada na região centro de Portugal, composta por dezoito freguesias. Coimbra é uma cidade historicamente universitária, devido à presença da Universidade de Coimbra, uma das mais antigas da Europa, fundada em 1290, pelo Rei D. Dinis.

O concelho, através de sua população estudantil, é reconhecido por seu papel atuante na defesa dos valores da liberdade e da democracia, principalmente durante o período da ditadura portuguesa.

Na década de 1950 (Reis, 2014), Coimbra desenvolveu uma zona industrial chamada de Zona Industrial Loreto-Pedrulha, fruto da dinâmica industrial local, que aos poucos foi integrada no ordenamento do espaço urbano. Já em 1989 iniciava a projeção de um ninho de empresas, uma incubadora, integrada ao programa comunitário Business Innovation Center (BIC) e FEDER. Atualmente o Concelho possui as seguintes zonas industriais: Parque Industrial de Taveiro, Parque Industrial de Eiras e o Polo de Pedrulha e Eiras, todos sob a responsabilidade da Câmara Municipal do Concelho.

Em 2017, a Câmara Municipal de Coimbra aprovou o regulamento de apoio a iniciativas económicas de interesse municipal (Coimbra, 2017) que apresenta como justificativa de sua existência a competitividade da economia local e a necessidade de incentivar as empresas, seguindo regras estipuladas por este instrumento, favorecendo a criação do emprego e da riqueza, inerentes à inovação e à tecnologia. Dentre outras resoluções, indica a necessidade de renovação do Parque Industrial de Eiras e do Parque Industrial de Taveiro, visando a promoção do desenvolvimento local e a reestruturação e diversificação dos setores implementados nestes espaços.

O regulamento de apoio a iniciativas económicas de interesse Municipal, aprovado (Coimbra, 2017) pela Câmara de Coimbra entende por empresa

“qualquer entidade que, independentemente da sua forma jurídica, exerce uma atividade económica, através da oferta em concorrência de bens ou serviços no mercado, sendo, nomeadamente, consideradas como tais as entidades que exercem uma atividade artesanal ou outras atividades a título

individual ou familiar, as sociedades de pessoas ou as associações que exercem regularmente uma atividade económica;”

Segundo o site Pordata (Base de dados Portugal contemporâneo) (Pordata, 2018), no ano de 2018, o Concelho de Coimbra apresentava 19.641 empresas não financeiras, sendo 19.626 pequenas e médias empresas (PMEs) e apenas 12 empresas consideradas grandes empresas. A distribuição das empresas por segmento de atividade é apresentada no Quadro 7.

Segmento económico	Quantidade
Atividades de saúde humana e apoio social	3.538 empresas
Comércio por grosso e retalho	2.884 empresas
Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	2.823 empresas
Atividades administrativas e dos serviços de apoio	2.753 empresas
Educação	1.362 empresas
Alojamento, restauração e similares	1.262 empresas
Construção	899 empresas
Outras atividades de serviços	839 empresas
Agricultura	802 empresas
Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	615 empresas
Indústrias transformadoras	579 empresas
Atividades imobiliárias	537 empresas
Atividade de informação e comunicação	377 empresas
Transporte e armazenagem	272 empresas
Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	86 empresas
Captação, tratamento e distribuição de água	9 empresas
Indústrias extrativas	4 empresas

Quadro 7 – segmento económico

No ano de 2018, o site do Penacova Actual publicou que Coimbra apresentou um crescimento no volume de negócios de 15% e setenta e quatro das suas empresas foram reconhecidas como “PME Excelência”, o que representa dois mil duzentos e cinquenta e cinco postos de trabalho e um volume médio de transação financeira de aproximadamente duzentos e cinquenta e dois milhões de euros.

Nesta mesma reportagem, o sr. Nuno Mangas, presidente do IAPMEI afirmou:

“as PME Excelência são empresas financeiramente robustas, que apresentam um elevado padrão competitivo, assente em estratégias de inovação e internacionalização, desempenhando um papel de grande relevância ao nível do emprego e do desenvolvimento local e regional”

Reafirmando o já exposto acima, as pequenas e médias empresas representam um elevado padrão competitivo e de grande relevância socioeconômico, principalmente no aspeto de empregabilidade.

A este respeito, o instituto Pordata divulgou que no ano de 2018, o Concelho de Coimbra possuía uma população percentual de 5,1% de pessoas desempregadas, sendo a maioria destes na faixa etária entre 25 a 34 anos. Em Portugal 78,8% da população eram considerados ativos laboralmente, neste mesmo ano.

3.1.2 Ensino superior no Concelho

O Concelho de Coimbra possui uma universidade com três polos, um Instituto Politécnico e uma Escola Superior de enfermagem, para além de 3 IES privadas. (Course, n.d.), com aproximadamente 42.995 alunos matriculados.

A Universidade de Coimbra é a mais antiga das instituições de ensino superior portuguesas, fundada em 1290. É uma universidade pública, possui trinta e seis cursos de licenciaturas, doze cursos de mestrados integrados, trinta e dois cursos de mestrados de continuidade, quinze cursos de mestrados de formação ao longo da vida, sessenta e cinco cursos de mestrados de especialização avançada, setenta e dois cursos de doutoramentos e cento e noventa e nove cursos não conferentes de grau (Coimbra, n.d.).

O Instituto Politécnico de Coimbra foi fundado em 1979, embora só tenha concretizado sua existência em 1988. O instituto integrou a experiência de importantes centros de ensino que juntos contribuíram para que pudesse, atualmente, se firmar como o maior instituto politécnico do país. Esta instituição possui 11.032 alunos, com cento e trinta e três cursos de pós-graduação e sessenta cursos de licenciatura em seis unidades de ensino.

A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, instituição de ensino superior pública, possui dois polos e 2.039 estudantes inscritos em seus cursos. A instituição oferece o curso de licenciatura em enfermagem, dez cursos de mestrados, relacionados com a profissão de enfermagem, seis cursos de especialização, cinco cursos de pós-graduação

A Escola Universitária Vasco da Gama possui 306 estudantes entre o curso de licenciatura em bioveterinária e medicina veterinária, um mestrado integrado em medicina veterinária e dois cursos de pós-graduação.

O Instituto Superior Bissaya Barreto, pertencente à Fundação Bissaya Barreto, oferece o curso de licenciatura em direito

O Instituto Superior Miguel Torga possui dez cursos de licenciatura, três cursos de mestrado e doze cursos de pós-graduação.

A estas instituições de ensino superior soma-se o Instituto Pedro Nunes (IPN), que embora não seja um centro de ensino, é um reconhecido agente de promoção da inovação portuguesa. O IPN foi criado em 1991 por iniciativa da Universidade de Coimbra, como uma entidade privada, sem fins lucrativos. Possui seis laboratórios destinados à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico e uma rede de network relevante, formada nos anos de sua existência. Atua tanto no fomento a novos empreendimentos, como enquanto promotora de pesquisa e fomentadora de consórcios entre a academia e a indústria.

Uma universidade empreendedora busca enfatizar o crescimento, fornecendo abertura a variedade de acordos de colaboração dentre a comunidade em que está inserida. A universidade empreendedora tenta quebrar os parâmetros tradicionais implantados dentre as paredes da cultura da universidade, adotando novas perspectivas, com a colaboração da sociedade civil e do governo, na direção de agregar as políticas públicas vigentes, o ensino, a pesquisa, o desenvolvimento, com o mercado de trabalho e serviços (Course, n.d.).

Nesta perspectiva, nos anos 90, Henry Etzkovitz criou o termo tríplice hélice (Gomes, 2015) visando descrever um modelo de inovação, em espiral, considerando diferentes relações e diferentes estágios de geração e disseminação do conhecimento.

A tese denominada tríplice hélice (Gomes, 2015) refere-se a uma interação entre a universidade, as empresas e o governo, que pode ser um apoio para transformar a universidade tradicional em uma universidade empreendedora. Cada hélice trabalha em cooperação e interdependência entre elas. Esta tese defende que as universidades buscam transferir seus conhecimentos, através de conferências, publicações científicas, formação de mão de obra qualificada e patenteamento de soluções desenvolvidas.

A transferência destes conhecimentos pode gerar um spin-off acadêmico, formando uma nova empresa, através dos relacionamentos advindos do meio acadêmico. Spin-off são empresas que são projetadas para atuarem na vanguarda da tecnologia e que se espera que cresçam mais rápido do que outras empresas.

O agrupamento destas spin-off gera um ambiente propício ao desenvolvimento econômico. Estas empresas passam a ser uma ponte entre o desenvolvimento e conhecimento gerado pela Universidade e o mercado, tirando-o da gaveta de seus centros de pesquisas e colocando-o em prática.

A interação entre a universidade e a empresa é cada vez mais importante no atual contexto econômico, onde a universidade busca uma redefinição de sua atuação na sociedade e as empresas visam alternativas para lidar com a competitividade existente no mercado. É a união entre as necessidades de duas instituições que necessitam de coexistência para sobreviverem mutuamente.

3.2 Mecanismos de fomento detetados no trabalho de campo

3.2.1 Parque tecnológico

Em Coimbra identificamos a presença de um parque, o IParque (IParque, n.d.), que constitui um parque de ciência e tecnologia, que proporciona elevada qualificação de qualidade de vida e recursos humanos. Na sua página (<https://www.iparque.pt/iparque/>) destaca o relevante papel que desempenha no ecossistema, através da disponibilização de infraestrutura para a inovação empresarial. Fazem parte de suas instalações uma incubadora de empresas (IPN-Incubadora) e uma aceleradora, chamada TecBis.

A área ocupada por este parque corresponde a trinta hectares, divididos em lotes de terreno com diferentes dimensões (ver Figura 4).

Este parque foi oriundo de um projeto do Programa Mais Centro e do Fundo Europeu do Desenvolvimento, financiado pelo QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional). Se encontra na fase de implementação do plano de desenvolvimento. Em 2010 concluiu a primeira fase, de implantação da infraestrutura necessária, disponibilizando quatorze lotes para ocupação das empresas. Conforme destaca-se na figura abaixo:

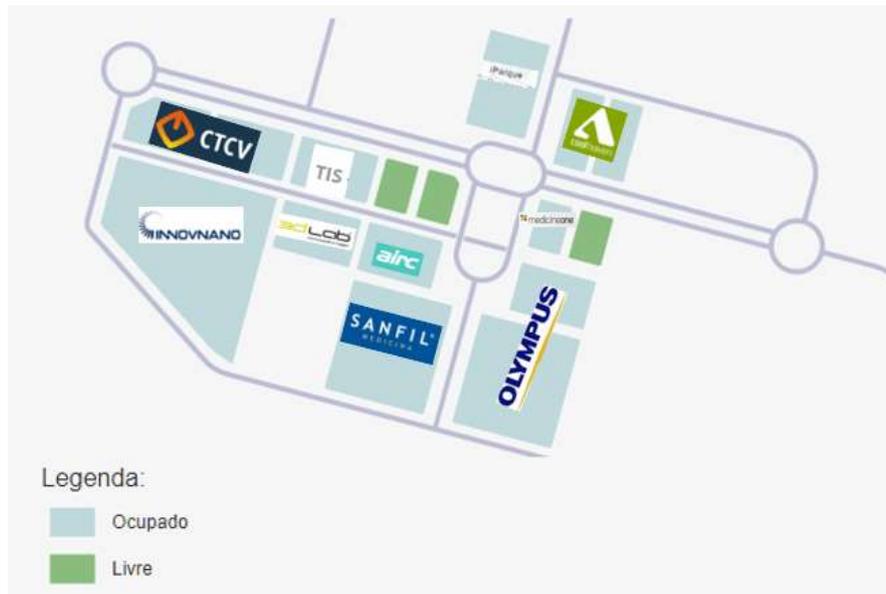


Figura 4 – Mapa Parque Tecnológico I Parque

Além da oferta dos lotes, há a disponibilização de escritórios no prédio intitulado Business Center Leonardo da Vinci e a opção de escritórios virtuais, auditórios e salas de formação. Adicionalmente, oferece aos usuários um pacote de serviços voltado para o apoio ao desenvolvimento de empresas e sua internacionalização. Sua infraestrutura conta também com restaurante, cafeteria e espaços de lazer.

Os lotes dos parques foram destinados às seguintes empresas:

- 3D Lab – uma empresa de comunicação e imagem.
- AIRC – uma empresa de produção de softwares e fornecimento de produtos e serviços para a administração pública.
- CoolHaven – uma empresa inovadora em construções modulares e ecológicas de habitações.
- Innovano – uma empresa de materiais cerâmicos nanoestruturados. Embora esteja no site, segundo notícia vinculada pelo noticiário As Beiras (Beiras, 2019), esta unidade foi fechada em 2019, por não conseguir atingir as metas de venda estabelecidas.
- Sanfil – uma empresa na área de indústria médica.
- Olympus Medical Products - uma empresa na área de indústria médica.
- CTCV – centro tecnológico da cerâmica e do vidro
- MedicineOne - uma empresa na área de indústria médica.

- TIS – uma empresa de tecnologia, inovação e sistemas ligados à mobilidade e transportes.

Para se habilitar a se instalar no iParque a empresa tem de possuir carácter de inovação, seja ela nacional ou estrangeira, legalmente habilitada, sendo privilegiadas as seguintes áreas:

- Saúde e tecnologias biológicas, da vida e da saúde;
- Tecnologias do conhecimento ou da informação, privilegiando, telecomunicações, robótica, multimédia e microeletrónica.
- Tecnologias limpas e habitat sustentável;
- Nanotecnologia

Segundo o relatório de prestações de contas do ano de 2017 (iParque, 2017), o iParque afirma aos seus acionistas que tem contribuindo para fortalecer a economia local e para melhorar as condições de vida dos cidadãos. Afirma ter desempenhado um papel fundamental no ecossistema de inovação. Informa que o Business Center se manteve totalmente ocupado, com rotatividade das empresas e com uma lista de empresas que aguardam a liberação de vaga.

Segundo o mesmo relatório, a ausência de pagamento mensal das residentes e a ausência de aprovações em novos projetos, reduzindo o ganho financeiro oriundo do espaço, faz com que haja uma observação no relatório sobre a incerteza do futuro do iParque. Tendo um gasto anual na ordem de dois milhões e seiscentos mil.

A cifra de empregos gerados pelo iParque estava na ordem de 250 pessoas, sendo que destas 40 estão diretamente ligados a atividades de pesquisa e desenvolvimento.

Já no relatório de 2018 (iParque, 2018) há a informação de que a Câmara de Coimbra injetou recursos financeiros, visando equilibrar as contas do parque. Cabe ressaltar que a Câmara detém 90,23% da sociedade do iParque. Destaca-se também a entrada de duas novas empresas que adquiriram lotes.

3.2.2 Incubadora de empresas

Em Portugal, o CEC/CCIC, consciente das dificuldades sentidas pelos empreendedores da região centro de Portugal e sentindo-se comprometida com o crescimento competitivo do país, tomou a iniciativa de promover e apoiar a todas as iniciativas que visem suportar os primeiros anos dos novos empreendimentos, e criou a Rede de Incubadoras de Empresas da Região Centro, o RIERC, no ano de 2007, tornando-se a primeira rede de incubadoras nacional. Acredita-se que esta iniciativa tem a capacidade de contribuir e ultrapassar cenários económicos não tão favoráveis ao nascimento e crescimento de novos empreendimentos (Campos, 2015).

A iniciativa tem como fim o apoio a qualquer iniciativa que se pretenda lançar-se no empreendedorismo através de uma lógica de rede, incluindo a articulação entre as incubadoras pertencentes ao RIERC.

O processo adotado pela incubadora é individualizado e constituído por um cardápio de atividades que favoreçam a criação dos empreendimentos e a transferência de conhecimento e tecnologia. Não existem duas incubadoras iguais, variando de organização para organização. O ambiente fornecido aos empreendedores, aliado ao pacote de serviços oferecido é o que vai influenciar os resultados obtidos pelas empresas (Caetano, 2019).

Segundo Leadership (n.d.) as incubadoras de empresas portuguesas não possuem especialização, contam com escassos recursos financeiros e network, se tornando pequenas e isoladas do ecossistema, refletindo os problemas do empreendedorismo português.

Ao trazer esta realidade para o âmbito ora estudado, identificamos no Concelho de Coimbra duas incubadoras. A Incubadora do Instituto Pedro Nunes, o Centro de empresas tecnológicas de Coimbra, o CETEC e a incubadora de empresas do INOPOL.

Como referido antes, a incubadora do Instituto Pedro Nunes (IPN) foi criada em 1991 por iniciativa da Universidade de Coimbra e pelo IPN, como uma entidade privada sem fins lucrativos, de direito privado. A Incubadora do IPN, é apoiado pela Câmara Municipal de Coimbra, assim como o Parque Tecnológico e é considerada um modelo de referência nacional, ocupando o quinto lugar no ranking das melhores incubadoras universitárias, segundo o site da Câmara Municipal de Coimbra (Coimbra). No ano de 2010, a

Incubadora recebeu o prêmio de melhor empresa de tecnologia mundial, concedido pelo The Technopolicy Network.

O IPN oferece três tipos de incubação, a incubação virtual, a física e o cowork. Atualmente possui 325 empresas de base tecnológica instaladas e gera mais de 2500 postos de trabalho. Desde 2009 o espaço abriga o centro de incubação da ESA (Agência Espacial Europeia), no país (Moura, 2019).

Reafirmado pela entrevista realizada junto ao IPN onde nos esclarece este processo:

“Temos a incubação física e a incubação virtual, onde pode se utilizar de todos os serviços, menos do uso do espaço físico. (...) Já no cowork é uma realidade para uma fase muito inicial dos projetos. Um espaço open space, salas grandes, onde tem ilhas por projeto, e estão numa fase transitória, antes de uma incubação física propriamente dita. (...) A aceleradora é uma infraestrutura seguinte e o objetivo já é maior dimensão, voltada para atividades operacionais e já tem rastro, já está a exportar”

Esta incubadora disponibiliza aos seus usuários facilidade no acesso ao conhecimento técnico e incentivo à inovação e a temas de gestão, qualidade e marketing, além de uma base de network a nível nacional e internacional (IPN).

As empresas ali instaladas são normalmente spinoffs, ou seja, um pedaço ou derivação, de algum laboratório da Universidade de Coimbra, o que garante um forte elo com a universidade (Caetano, 2019).

Outra iniciativa do IPN é o i9 Social, uma incubadora voltada para empreendimentos sociais. Esta iniciativa teve início em janeiro de 2019 e tem como previsão a duração de três anos. Com o advento da pandemia COVID-19 este período pode ser estendido. O i9 Social adveio do Programa Portugal Inovação Social, através da iniciativa intitulada Escolíadas, gestora deste projeto, junto à Camara da Região de Coimbra (CIM-Coimbra).

O objetivo de sua criação foi a de criar um centro multidisciplinar capaz de fornecer apoio a iniciativas referentes à inovação e empreendedorismo social. Além de abrigar outro projeto de mapeamento digital, dos projetos sociais, nos 19 municípios de Coimbra, chamado de “Observatório de Impacto” (i9 Social).

Esta incubadora promove a inovação e o empreendedorismo, através da tríplice hélice (mercado, universidade e organização), com o intuito de reduzir o desemprego e promover o trabalho digno e o crescimento econômico, com o fomento à inovação social. Seu público alvo são empreendedores sociais ou serviços que tem como fim a inovação social.

Pela entrevista realizada com o coordenador do espaço, foi possível verificar que o i9 possui espaço para abrigar 19 empresas e atualmente abriga quatro empresas, sendo altamente impactada com o advento da pandemia, com a perspectiva de não conseguir atingir o número de empresas pretendido.

Além da iniciativa do IPN, encontramos no Concelho uma iniciativa da Novoteca, o Centro de Empresas Tecnológicas, o CETEC, uma iniciativa que abriga 10 empresas e muitos outros projetos embrionários. Tal como o IPN, a estrutura oferece a incubação física e virtual e cowork, para além de laboratórios e oficinas para uso comum. Diferente dos modelos já apresentados, o CETEC oferece a modalidade pré-incubação.

A missão do CETEC é auxiliar no crescimento do empreendimento e do emprego, apoiando o participante na identificação de oportunidades ou na obtenção de recursos para o empreendimento, visando a sustentabilidade do negócio. A incubadora faz parte da RNI e da RIERC. Além de ser certificada pelo Turismo de Portugal e pelo IAPMEI.

A terceira incubadora detetada por esse estudo foi a INOPOL, uma unidade do Instituto Politécnico de Coimbra. Este projeto foi desativado entre os anos de 2017 e 2020 e foi relançado em parceria com a IPN incubadora (Diário de Coimbra, 2021). O INOPOL nasce com a missão de promover a inovação e o empreendedorismo, viabilizando o crescimento de novas empresas e spinoffs, cujo caráter de seu objeto social seja a inovação.

Dentre as atividades que realiza está a intensão de integrar o desenvolvimento tecnológico com a comunidade onde está instalado, visando o incentivo ao empreendedorismo e a importância do papel empresarial para a comunidade local. E a incubação física e virtual, além do cowork.

A incubação física inclui um espaço para uso independente, com toda a infraestrutura física e de dados, além de um espaço de uso comum (que inclui sala de reunião, formação e serviços técnicos especializados). Este espaço abriga hoje treze empresas.

A incubação virtual inclui acesso aos serviços associados à modalidade de incubação física, sem o uso do espaço físico. A modalidade virtual se divide em duas opções. Uma start, voltada para empreendedores em fase de constituição e/ou arranque da empresa. A outra, chamada de follow-up, para empreendedores e empresas que já estão em operação, mas, que não precisam do uso de um espaço físico.

Diferente dos outros exemplos já citados, o INOPOL privilegia as empresas oriundas do Instituto Politécnico de Coimbra ou empresas com forte ligação ao meio acadêmico.

3.2.3 Cowork

O cowork está a consolidar-se em Portugal (Semisão, 2019), Lisboa, por exemplo, atualmente ocupa o trigésimo sétimo lugar das cidades europeias neste mercado, de acordo com o Jornal Visão (2019).

O cowork do IPN faz parte do chamado IPN Creative Lab, que junto a outros dois espaços complementares oferecem um espaço de trabalho compartilhado entre os participantes, através de ilhas de trabalho e um espaço destinado ao relaxamento, uma sala somada a outras duas, uma de prototipagem com ferramentas e bancadas disponíveis aos empreendedores e um estúdio fotográfico. Oferece ao usuário, espaços compartilhados e uteis a diferentes necessidades.

Como afirmado na entrevista junto ao IPN define o espaço cowork como:

“Já no cowork é uma realidade para uma fase muito inicial dos projetos. Um espaço open space, salas grandes, onde tem ilhas por projeto, e estão numa fase transitória, antes de uma incubação física propriamente dita. Neste espaço compartilha com outras pessoas. O custo é médio entre as duas realidades. E ali testa os seus produtos. E quando crescem mudam para o espaço físico.”

O cowork oferecido pelo CETEC oferece o network das mesmas áreas inerentes ao FabLabCoimbra, um laboratório de prototipagem focado na pesquisa e no desenvolvimento de produtos e serviços, que atua nos segmentos de engenharia, artesanato, arquitetura, entre outros, principalmente nas perspetivas da inovação, saúde e tecnologia.

Além da infraestrutura oferecida, com estrutura e mobiliário, há uma complementaridade com associações empresariais locais, atores, universidades, empresas e a interlocução com agências de fomento.

O cowork do INPOL disponibiliza o espaço compartilhado e acesso aos serviços já oferecidos para a incubação física. Possui uma capacidade para oito a dez postos de trabalho.

Outro cowork é o instalada pela Camara Municipal de Coimbra, chamada de “Pátio – Criatividade e Inovação Espaço Cowork”, inaugurado em 2019. Este espaço tem o intuito de fomentar o espírito empreendedor e empresarial da cidade. O cowork foi previsto no plano de regeneração urbana da cidade e faz parte do plano de revitalização do centro histórico, objetivando potencializar a indústria criativa e incentivar novos empreendimentos locais.

O espaço pode abrigar até trinta empresas ou empreendedores individuais, com a regra de que os interessados podem ter uma ideia, ou serem empresas ou associações já constituídas com até três anos de vida. Tem como objetivo impulsionar a criatividade e promover o espírito empreendedor, propiciando o desenvolvimento de uma rede de network sólida e viva.

Oferece aos ocupantes a estrutura física e de dados compatível com um escritório. Com a limitação de áreas de interesse previamente definidas (que incluem artes, design, cultura e suas estruturas, comunicação, moda, publicidade e gastronomia). De acordo com a entrevista realizada com a Câmara, afirma que esta escolha se deu por:

“Porque nós estamos num edifício que foi financiado no âmbito de uma medida de apoio à cultura e, portanto, o financiamento só pôde, na altura”

Todos as candidaturas devem ser submetidas por um protocolo pré-determinado pela Câmara. Após aprovado, o empreendimento pode utilizar o espaço por dois anos, podendo este prazo ser renovável por mais um ano. A aprovação desta renovação deve ser avaliada por uma equipe técnica da Câmara. O IPN participa de forma ativa desta iniciativa colaborando com a constituição do espaço e sua gestão.

Outro cowork identificado foi o Fluxo Coworking, um espaço muito bem posicionado no concelho, aberto em 2021, que impressiona pela qualidade de suas instalações.

Disponibiliza aos seus usuários o acesso 24 horas por dia e a integração com serviço de contabilidade.

Há ainda o We Coimbra, inaugurado em 2019, que apresenta aos seus usuários um valor acessível para o uso diário, com o diferencial de estar registrado em uma plataforma destinada aos coworks, o coworker.com. Durante o levantamento deste estudo encontramos uma enorme dificuldade de obter os dados de contato ou o site relacionado a este espaço.

Outro espaço inaugurado recentemente foi o Cowork Torre Arnado, um espaço composto por escritórios compartilhados, com network entre os residentes e facilidade de acesso, localizado dentro do primeiro *business center* em Coimbra.

E finalizamos assim os espaços de cowork encontrados no município, pelo menos os disponíveis para consulta em sites de busca. Cabe ressaltar que um cowork foi retirado da exposição, o cowork do Santander, visto que é a otimização do espaço da agência bancária e não uma estrutura de desenvolvimento e promoção ao empreendedorismo e a tecnologia e sim uma oportunidade de marketing comercial.

3.4. Políticas públicas a nível municipal

Segundo o mapa de agentes de inovação português (Me,2011) há uma lista de agentes regionais que fornecem apoio ao Município estudado, que são o Instituto Politécnico de Coimbra – IPC e a Universidade de Coimbra e o IPN.

Um dos grandes agentes de inovação e empreendedorismo em Coimbra é a própria Câmara, como exposto na entrevista realizada com sua representante. Em seu site afirma que:

“Aliando os conhecimentos oriundos dos mais diversos estabelecimentos de ensino da cidade e do tecido empresarial, Coimbra promove uma cultura de inovação, qualidade e empreendedorismo, com iniciativas diretas aos empresários e com os contributos provenientes da incubação e aceleração de empresas de base tecnológica.

Com 149 unidades de I&D, Coimbra assegura a ligação da investigação à economia, fomentando um ecossistema empreendedor. Destacam-se o Instituto Pedro Nunes (IPN) e o Coimbra Inovação Parque- iParque, duas estruturas de relevo na implementação desta estratégia conducente à modernização, desenvolvimento e internacionalização da economia local, regional e nacional.” (Coimbra, n.d.)

Desta forma, a Câmara apoia e desenvolve diferentes projetos e programas de difusão da inovação e de transferência de conhecimento no município, atuando entre outras ações como acionista do Parque Tecnológico, Incubadoras e Coworks aqui analisados. Além de agir diretamente como fomentador do empreendedorismo coimbrese.

Tal afirmação é divulgada de forma transparente na visão estratégica do município (Coimbra, n.d.), que afirma:

- “1. Transposição de mão-de-obra altamente qualificada formada no ensino de excelência para as empresas do concelho;*
- 2. Aposta contínua na inovação aberta, na promoção da sustentabilidade e na disseminação do conhecimento;*
- 3. Ecossistema empreendedor, com cooperação entre empresas, instituições de ensino e polos de investigação e desenvolvimento tecnológico;*
- 4. Cluster da Saúde inovador e reconhecido internacionalmente;*
- 5. Centro diferenciador nas áreas das tecnologias da informação;*
- 6. Património da UNESCO como agente de desenvolvimento da Cultura, do Turismo e das Indústrias Criativas.”*

Para este estudo são especialmente relevantes os itens 2, aposta contínua na inovação, o 3, ecossistema empreendedor, e, o 6, onde se assume o papel de agente de indústrias criativas.

Como afirmado em entrevista realizada para fins deste estudo, Coimbra criou um gabinete e ações específicas para a alavancagem do empreendedorismo e inovação no Concelho, incluindo-se como participante societário nos principais agentes de fomento do município, incluindo nestes agentes, o Parque Tecnológico, Cowork e Incubadora de empresas.

“E o Coimbra Apoia acaba por ser um incentivo porque não dá diretamente dinheiro, não entrega diretamente dinheiro aos comerciantes e aos estabelecimentos comerciais, mas promove e dinamiza o comércio local ... Portanto, o que nos interessa é dinamizar, trazer pessoas ao comércio e apoiar realmente quem mais precisa e quem mais foi afetado. Depois, temos outro conjunto, temos o espaço como o coworking e o espaço coworking recebe projetos ou empresas recém-criadas na área das indústrias culturais e criativas (...) Qualquer pessoa aqui paga um valor que não se compara ao valor que é cobrado no exterior pelos privados, portanto, acaba por ser um valor ilusório em relação ao que é cobrado pelos outros coworks privados. Portanto, temos essa disponibilidade. (...) e nós temos muita ligação à IPN. Sinto até que pode haver a possibilidade de eles transitarem daqui para APN e do APN passar para a incubadora, aceleradora e da aceleradora para o coworking. É um circuito que está definido e que pode ser aproveitado ou não isso depois dependa a decisão de cada investidor.”

3.5 Quadro de entrevistas

No âmbito da pesquisa realizada foram solicitadas entrevistas com todos os órgãos ligados aos instrumentos de fomento aqui apresentados. Não foi possível obter resposta de muitos deles, mas conseguimos, ainda assim, realizar entrevistas virtuais com os abaixo descritos. Optamos por utilizar as perguntas guias, descritas no guião de entrevistas (Anexo 1) e sintetizar as respostas em forma de tabelas. A primeira, denominada “políticas públicas de fomento” (Quadro 8) inclui as respostas obtidas em entrevistas com o IAPMEI e a Câmara Municipal de Coimbra. A segunda, denominada “instrumentos de fomento” (Quadro 9) apresenta as respostas obtidas nas entrevistas junto ao Cowork O Pátio, I9 Social e o IPN. Houve um contacto com a Incubadora e Cowork do INOPOL, mas o representante contactado nos informou que não havia dados para que pudesse responder as perguntas, visto a abertura do espaço ser muito recente, não tendo inclusive público.

Para o primeiro quadro apresentamos as respostas recebidas pelo Sr. Rui Seabra, funcionário do IAPMEI de Coimbra, já pela Câmara Municipal, a Sra. Brígida Mateus, representando a Câmara Municipal de Coimbra, atuante no gabinete de Apoio ao Investidor.

QUESTÃO 1
Quais são os programas de impulsionamento do empreendedorismo adotados pela instituição?
RESPOSTAS
IAPMEI
<i>“depende de que atividade estamos a falar. Nós fazemos muitas atividades de divulgação de temas que nos parecem interessantes para a área empresarial. Isso nós fazemos em parcerias com câmaras, com centros tecnológicos e convidamos as empresas e elas normalmente participam. Agora, na hora de elas acederem, nem sempre podem ou têm alguma dificuldade, sobretudo as empresas de menor dimensão, e que não tenham essa característica de ser uma indústria transformadora com perspetivas de exportação. São perspetivas que depois têm de ser cumpridas, devido às condições de acesso.”</i>
Camara Municipal de Coimbra
<i>“O programa que nós temos a decorrer é o de apoiar. Não sei se já teve acesso à informação também disponível no site “Coimbra Apoio”. Acaba por ser um incentivo que não dá diretamente dinheiro, não entrega diretamente dinheiro aos Comerciantes e aos estabelecimentos comerciais, mas dá suporte para as famílias, com a perda de rendimento que tiveram desde o período que iniciou a pandemia e que depois, com estes vouchers, recebem em troca bens ou serviços nos estabelecimentos que aderiram à iniciativa (...) Connosco neste momento temos 47 estabelecimentos e que vão desde mercearias, óticas, padarias e cafés e mercearias. Para nós são bem importantes, por que são bens essenciais. Abrimos também nesta fase outros estabelecimentos, como o gabinete de psicologia, dentistas... O que realmente nos interessa é dinamizar, trazer pessoas ao comércio e apoiar realmente quem mais precisa e quem mais foi afetado”</i>

QUESTÃO 2
Dos programas citados, algum está relacionado a implementação e/ou manutenção de Parque Tecnológico, Incubadora de Empresas e Cowork? Em caso positivo, existem indicadores de acompanhamento da eficácia destes programas especificamente para o Concelho de Coimbra? E onde estariam disponíveis?
RESPOSTAS
IAPMEI
<i>“Eu costumo dizer que as incubadoras funcionam de acordo com as pessoas que lá estão. Teoricamente, é possível desenhar um apoio muito interessante de apoio ao empreendedorismo direcionado à parte tecnológica. Mesmo atualmente, temos uma coisa que chama start up voucher, estamos a falar de dar uma bolsa para alguém que tem uma ideia na cabeça para uma empresa das áreas de inovação da tecnologia. E pode receber, até 1 ano, uma bolsa de seiscentos e tal euros só para amadurecer a sua ideia. Tem de apresentar relatórios trimestrais, e consoante prova de que está a fazer alguma coisa à custa da bolsa, então vai até os 12 meses no máximo”</i>
Camara Municipal de Coimbra

“Depois, temos outro conjunto de projetos, temos o espaço com o coworking. Este coworking recebe projetos ou empresas recém-criadas na área das indústrias culturais e criativas (...) Qualquer pessoa aqui paga um valor que não se compara ao valor que é cobrado pelos espaços privado, portanto, acaba por ser um valor ilusório em relação ao que é cobrado pelos coworks privados.”

“Acaba por ser, e nós temos muita ligação com o IPN, sinto até pode haver a possibilidade de eles transitarem daqui para o IPN e do IPN passar para a incubadora, aceleradora e da aceleradora para o coworking. É um circuito que está definido e que pode ser aproveitado ou não, isso depois depende da decisão de cada investidor.”

“A Camara não é acionista do IPN, somos membros fundadores. A Camara de Coimbra tem um executivo como membro do IPN, não da Incubadora. Tem um membro do executivo a representar.

Esse membro (nosso) eu penso que é ... está no conselho de administração e, portanto, penso que participará nas reuniões estratégicas, nas definições do IPN”

“Temos um regulamento de incentivos, que é o Coimbra invest. que permite que estas empresas que aqui se instalem, e que pretendam edificar, construir um edifício, possam ter um apoio do município de Coimbra para a sua instalação.”

QUESTÃO 3
<p>Acredita que estes programas sejam totalmente eficazes? Em caso negativo, o que entende ser necessário para implementá-los?</p>
RESPOSTAS
<p>IAPMEI</p> <p><i>“A questão do acesso ao sistema de incentivos: aparecem sistemas de incentivos de banda larga, e neste período em que vivemos, têm sido reforçados. São normalmente apoios que depois têm um problema, têm alguma receptividade, pois, como são banda larga, têm um número de candidaturas... mas depois dinheiro não, não é infinito, tem alta seletividade.”</i></p> <p><i>“Temos um Estado muito grande, mas é difícil acompanhar estas empresas, e o caminho que as faz caminhar. Também há a questão de o país só dar a cara. Há muitas empresas que têm problemas nesse processo e até se queixam.”</i></p> <p><i>“Tem que haver muito mais dinheiro e muito mais gente. Devia ser, de alguma forma praticado princípio da confiança...com tanto controlo...teria mais projectos sem ter que ter tanta gente para os controlar, e depois controlar apenas alguns.”</i></p>
<p>Camara Municipal de Coimbra</p> <p><i>“Nós temos no gabinete do apoio ao investidor...Fazemos este trabalho, temos uma base de dados concretos sobre as empresas, o número de empresas criadas ou não, de insolvências. Pelo CAE conseguimos ver as empresas que mais crescem e que estão a atuar na nossa região.”</i></p>

Quadro 8 – Políticas Públicas de Fomento

Na sequência, apresentamos as respostas recebidas, e de interesse para o estudo, dos representantes: Ana Seguro, do IPN, Magda Lucas, responsável pelo Cowork O Pátio e Filipe Cardoso, responsável pelo I9 Social.

QUESTÃO 1
Consegue perceber se existem apoios públicos de programas de fomento ao empreendedorismo? E como estes apoios impactam o empreendedorismo e a inovação em seu espaço de atuação?
RESPOSTAS
IPN
<i>“Essa tipologia de projetos permite financiar a atividade que indiretamente se envolvem ... boas práticas entre as entidades que apoiam o empreendedorismo e que tratam só de atividade entre os próprios empresários (...) nós, temos nos candidatado aos sistemas de incentivo, depois todas as atividades que se desenvolve ou a grande parte são, com o objetivo de apoiar estas que estão aqui incubados (...) Esse é o ecossistema no qual nós nos envolvemos, existem esquemas de incentivo, mas não estão disponíveis a todo tempo ... Não corremos a todos também é porque já há aquela parte da coparticipação com financiado para empresas e é grande para as infraestruturas com as nossas características e depois em termos de assistência, incentivo aos empreendedores e empresas / incubadas existem naturalmente” “para empreendedor que ainda não tem empresa constituída É de fato difícil ter algum apoio para o desenvolvimento da sua ideia”</i>
Cowork O Pátio
<i>“Nós fazemos a gestão do espaço para a Camara Municipal de Coimbra, que é a idealizadora e mantenedora deste projeto.”</i>
I9 Social
<i>“Esta iniciativa possui um orçamento de 250 mil euros, sendo este orçamento financiado em 70% pelo Programa Portugal Inovação Social e 30% pela CIM-RC. As prestações de conta do projeto se dão de forma direta à Escoliadas, que gere o curso do Programa Portugal Inovação Social.”</i>

QUESTÃO 2
Os apoios percebidos são sentidos pelos empreendedores? De que forma? Há repasse direto dos apoios aos usuários de seu espaço?
RESPOSTAS
IPN
<i>“Nós participamos das candidaturas e atuamos como intermediadores de algumas delas para com as empresas”</i>
Cowork O Pátio
<i>“Não há este tipo de trabalho ou repasse”</i>
I9 Social
<i>“No i9 as iniciativas implementadas e incubadas apresentam o impacto do desenvolvimento de respostas inovadoras a problemas sociais, que possam ter efeito no segmento do investimento social, além da capacitação de monitoramento do impacto gerado. De uma forma geral, atuamos em qualquer problema social, mas destacamos que não o atacamos de forma direta, pois a nossa atuação está no fato de incubar projetos e não de atuar de forma direta. O que fazemos é validar um problema social relevante para a região. Ou seja, o apoio é a própria incubadora de empresas.”</i>

QUESTÃO 3	
Possui alguma estatística dos efeitos práticos de incentivos ao empreendedorismo e a inovação recebidos por estes apoios?	
RESPOSTAS	
IPN	<i>“Sim, nós fazemos um estudo anual, depois da prestação das empresas, as empresas tem que prestar suas contas publicamente. Construimos uma base de dados com as empresas que já passaram pelo nosso ecossistema.”</i>
Cowork O Pátio	“nós não temos uma mensurabilidade em termos do ganho imediato dos nossos apoios. Isso não temos de fato.”
I9 Social	“A incubadora ainda não tem resultados pelo pouco tempo de atuação e nem capacidade de avaliação dos impactos gerados igualmente pelo seu pouco tempo de uso,”

Quadro 9 – Instrumentos de Fomento

CAPÍTULO 4 –DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A realização deste estudo trouxe consigo momentos de intensa descoberta em relação às políticas públicas existentes em Portugal e, mais concretamente, no concelho de Coimbra.

No retrato do Concelho de Coimbra o que se percebeu foi o interesse do Município no tema empreendedorismo e inovação, aliado à presença de importantes centros académicos e tecnológicos no município, criando assim um ambiente propício à formação de novas empresas.

Em contrapartida, as ações parecem não possuir uma coordenação única voltada para o tema, tendo como resultado a dispersão de objetivos, cujos resultados não são monitorados como seria desejável. Os indicadores de abertura e morte de empresas não traduzem os resultados práticos dos efeitos dos incentivos ao empreendedorismo e inovação.

De forma direta não se percebeu, nem nos instrumentos de fomento estudados, o interesse nestes registos e acompanhamentos, percebeu-se que os mecanismos de fomento existem, são aplicados, de acordo com as estratégias adotadas pelo governo, tanto a nível nacional, quanto local, mas, não existe um acompanhamento de sua eficácia, o que sugere que as políticas são adotadas de acordo com a percepção do gestor e não apoiadas em fatos reais.

Tais ações geram ao empreendedor de base tecnológica uma insegurança em suas ações, que podem levá-lo a paralisação de seus atos e ao medo de ousar em novos processos tecnológicos.

É, pois, possível identificar um ciclo vicioso, onde o Estado necessita constantemente de investir em políticas de promoção ao empreendedorismo e à inovação, enquanto as empresas necessitam destes incentivos para que possam arriscar em suas políticas internas de inovação e crescimento sustentável.

Sugere-se que a implantação do Parque Tecnológico, das Incubadoras de empresas e dos coworks possuem um impacto positivo no Concelho, tanto na geração de empregos, quanto na prospeção de novos mercados e oportunidades.

Comprova-se a importância das parcerias com a Universidade e centros de pesquisa e tecnologia, além da importância do fomento ao empreendedorismo.

A proximidade com a academia possibilita o estabelecimento da trílice hélice, com resultados práticos e mercadológicos de rápida percepção. No entanto, é importante incrementar estas parcerias.

Com relação aos usuários, como explicado antes, não nos foi possível realizar as entrevistas necessárias para uma boa compreensão do processo. Sendo utilizado o recurso de comparação da minha experiência anterior com os resultados ora apresentados para o Concelho de Coimbra,

Com este trabalho esperamos ter contribuído, ainda que de forma modesta, para a necessidade de os atores reavaliarem, não só, as políticas adotadas, como também implementarem formas de mensuração e acompanhamento dos resultados, possibilitando o crescimento da perspectiva da inovação e do desenvolvimento tecnológico em Coimbra.

A ideia da implantação de um cluster, não discutido neste trabalho, também se torna importante para a alavancagem do Concelho, principalmente nas áreas de destaque relacionados no quadro 7.

Comprova-se a importância das parcerias com a Universidade e centros de pesquisa e tecnologia, além da importância do fomento ao empreendedorismo.

Durante este levantamento muitas questões surgiram e ficaram sem resposta. De entre elas, identificamos as listadas abaixo, as quais podem servir de base a futuros trabalhos nesta área:

- Qual a dependência financeira dos apoios para as empresas de base tecnológica?
- Existe uma convergência entre os interesses percebidos pelos gestores dos instrumentos de fomento e os objetivos enunciados nas políticas públicas?
- Qual é o impacto do network nos instrumentos de fomento e nos negócios abrigados. Há efeitos na atração de novos negócios, influenciados por este network?
- Qual o fluxo/caminho seguido pelas empresas de base tecnológica no Concelho de Coimbra?

- Como é que a pandemia afetou a dinâmica empreendedora e, em especial, o funcionamento dos espaços de cowork?

Pode-se assim concluir que muito há ainda a explorar no tema abordado nesta dissertação. Estudos comparativos e longitudinais podem fornecer respostas muito relevantes para muitas das principais questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J.G. (2012) *Percursos Alternativos: Transições empreendedoras*. Tese de mestrado MISIE. Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Andrade, A.S. (2019) *Políticas Públicas para a Promoção da Inovação nas PME: O papel do IAPMEI*. Tese de mestrado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Disponível em <https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/10047/1/Tese%20MESTRADO%20AI%C3%A9xia%20Andrade%20%2012-12-2019.pdf>
- André, A.J. (2015) *Ser empreendedor com base em processo de inovação competitivo*. Tese de mestrado Universidade de Lisboa. Disponível em <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/6486/1/DISSERTACAO%20IMPRI MIR%2022.pdf>
- ANI (n.d.) *Agência Nacional de Inovação*. Disponível em <https://www.ani.pt/>
- ANI (n.d.) *Relatório de Gestão e contas 2020*. Disponível em https://www.ani.pt/media/6022/relatorio_gc2020.pdf
- ANI (n.d.) *SIFIDE*. Disponível em <https://sifide.ani.pt/>
- ANPROTEC (n.d.) *ANPROTEC – Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologia Avançadas*. <http://www.anprotec.org.br>
- ANPROTEC (2002). *Glossário Dinâmico de Termo na Área de Tecnópolos, Parque Tecnológicos e Incubadora de Empresas*, 2002.
- Argote, L. (1999). *Organizational learning: Creating, retaining, and transferring knowledge*. Kluwer. Academic Publishers, Boston, MA.
- Arnoudit, R. (2004) *Incubators: Tool for Entrepreneurship? Small Business Economics*.
- Avila, D.F.L. (2015) *Empreendedorismo e (Des)Envolvimento Local: O propósito de uma intervenção educativa em rede*. Tese Mestrado MISIE. Faculdade de Economia. Universidade de Coimbra
- Bacon, Frank R.; BUTLER, Thomas W.. (1998) *Achieving planned innovation: a proven system for creating successful new products and services*.

- Barbosa, L.G.F. (2013) *Incubadora de Empresas de Base Tecnológica: Percepção dos Empresários quanto aos apoios Recebidos*. Revista de administração e inovação.
- Barboza, J.V.S. e Rojo, C.A. (2015). *Perspectivas dos usuários de um espaço cowork*. Disponível em <https://docplayer.com.br/70631524-Perspectivas-dos-usuarios-em-um-espaco-coworking.html>
- Bartlett, C.A., & Ghoshal, S. (1989) *Managing Across Borders: The Transnational Solution*, Boston, MA: Harvard Business School Press.
- Beiras, Diário as (2019) – *Innovnano fecha unidade no Coimbra iParque*. Disponível em: <https://www.asbeiras.pt/2019/05/innovnano-fecha-unidade-no-coimbra-iparque/>
- Bermúdez, Luiz A.(2000) *Incubadoras de empresas e inovação tecnológica: o caso de Brasília*. In: Cardim, C. H. Parcerias Estratégicas. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia - Centro de Estudos Técnicos.
- Bischoff, S., Vladova, G., & Jeschke, S. (2011). *Measuring Intellectual Capital*.
- Botsman, R., Rogers, R. (2011). *What's mine is yours: The rise of collaborative consumption*. New York: Collins.
- Bouncken, R.B., & Reuschl, A.J. (2016). *Coworking-spaces – How a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship*, in: Review of Managerial Science (Im Druck).
- Caetano, D. M. C. (2011). *Incubadora de empresas e modelos de incubação em Portugal - Incubadoras regionais verso universitárias*. Universidade do Algarve
- Caetano, D.M.C (2019). *Contextos de Incubação, Redes e Desempenho Organizacional: Criação de Valor em Incubadoras de Empresas*. Universidade do Algarve. Disponível em https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/13617/1/Tese%20PhD_Dinis%20Caetano%202019%20vf2.pdf
- Campos, J.P.C. (2015) *A incubação de empresas: boas praticas e fatores críticos de sucesso*. FEUC disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/30119>

- Cassiolato, J.E.(1996) *A relação universidade e instituições de pesquisa com o setor industrial: uma abordagem a partir do processo inovativo e lições da experiência internacional*. Brasília: ABIPTI/SEBRAE/CNPq.
- CCDRC (2020). *Visão estratégica para a região centro 2030*. Disponível em http://www.cedrc.pt/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5300-visao-estrategica-regiao-centro-2030&category_slug=2020&Itemid=739
- CCE (2003) *Livro Verde Espírito Empresarial na Europa*, Comissão das Comunidades Europeias, Bruxelas, Disponível em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52003DC0027&from=EN>
- CETEC (n.d.) *Centro de Empresas Tecnológicas*. Disponível em <http://novotecna.pt/cetec/sample-page/apresentacao/>
- Chiavenato, I.S. (2009) *Planejamento Estratégico – Fundamentos e aplicações – da intensão aos resultados*. Editora Campus
- CIM-Coimbra (n.d.). Comunidade intermunicipal da Região de Coimbra. Disponível em: <https://www.cim-regiaodecoimbra.pt/>
- Coimbra, C.M. (n.d) *Condições Gerais de Funcionamento*, acesso e utilização. Disponível em <https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2019/04/Condi%C3%A7%C3%B5es-gerais-de-funcionamento-acesso-e-utiliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Coimbra, C.M. (2019). *Cowork Pátio Criatividade e Inovação*. Disponível em <https://www.cm-coimbra.pt/areas/investir/inovar/espaco-co-work-patio-criatividade-e-inovacao>
- Coimbra, C. M. de. (n.d.). *Ecosystema empreendedor e inovador*. <https://www.cm-coimbra.pt/areas/investir/investir/centralidade/networking-global>
- Coimbra, C. M. de. (n.d.). *Visão e Estratégia*. <https://www.cm-coimbra.pt/areas/investir/investir/visao-e-estrategia>
- Coimbra, C. M. de (2017). *Regulamento de apoio a iniciativas económicas de interesse municipal*, (2017) Regulamento298/2017. <https://www.cm-coimbra.pt/wp-content/uploads/2018/07/Regulamento-de-Apoio-a-Iniciativas-Econo%CC%81micas-de-Interesse-Municipal-Coimbra-Investe.pdf>

- Coimbra, U. de. (n.d.). *Universidade de Coimbra - Cursos*.
<https://www.uc.pt/ctuc/Ensino/cursos>
- Colombo, M. G., e Delmastro, M. (2002) *How Effective are Technology Incubators?: Evidence from Italy*. Research Policy.
- Costa, C.F. (2018) *Impacto das Políticas Públicas de Incentivo à Internacionalização no desempenho das PME Industriais e respectivos determinantes*. Tese de mestrado FEP Universidade do Porto.
- Course, L. (n.d.). *Universidades em Coimbra, Portugal - Rankings & Avaliações*.
<https://www.languagecourse.net/pt/universidades-coimbra>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas. Teoria e prática*.
- Cruz, C.S; Figueiredo, F.F (2018). *COWORKING: Um estudo do perfil dos usuários e seus pontos positivos e impactos*. Disponível em:
<https://dspace.doctum.edu.br/handle/123456789/1816>
- CSES (2002) *Benchmarking of Business Incubators, Final Report, Brussels European Comission*.
- Depiné, A. et all (2018). Educação empreendedora em uma universidade empreendedora: Estudo de caso baseado em mapeamento de disciplina. Disponível em:
https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2019/08/Educacao-Empreendedora-Em-Uma-Universidade-Empreendedora_Anprotec-2019.pdf
- Diário de Coimbra (2021). *INOPOL de portas Abertas para o empreendedor da região*. Disponível em <https://www.diariocoimbra.pt/noticia/73836>
- DRE (2014) *Resolução do Conselho de Ministros n°73-A/2014*. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/65908878/details/maximized>
- DRE (2016) *Resolução do Conselho de Ministros n°84/2016*. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/105583344/details/maximized>
- DRE (2018). *Resolução do Conselho de Ministros n°25/2018*. Disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/114832287/details/maximized>

- Edit Work (2018), *11 Dados Estatísticos que vão levar-te a querer trabalhar fora de Casa!*, disponível em <https://edit.work/11-dados-estatisticos-que-vaio-levar-te-a-querer-trabalhar-fora-de-casa/>
- ESEC, E. S. de E. (n.d.). *Escola Superior de Educação - Politécnico de Coimbra*.
<https://www.esec.pt/>
- ESENFEC, E. S. de E. de C. (n.d.). *Escola Superior de Enfermagem de Coimbra*.
<https://www.esenfc.pt/pt>
- European Commission (2002) *Benchmarking of Business Incubators, Final Report, Brussels, Enterprise Directorate General, European Commission*.
- EUVG, E. U. V. da G. (n.d.). *Escola Universitária Vasco da Gama*.
http://www.euvg.pt/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1&lang=pt
- Feil, A.A. e Conto, S.M. (2018). *Análise da percepção dos gestores e empreendedores de um Parque Tecnológico e de uma incubadora empresarial*. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/333628652_Analise_da_Percepcao_dos_Gestores_e_Empreendedores_de_um_Parque_Tecnologico_e_de_uma_Incubadora_Empresarial
- Fernandes, R., Gama, R. (n.d.) *Políticas Públicas de Inovação em Portugal – Uma análise do QREN*. Disponível em
https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/23262/1/8CGP_Gama_Fernandes_V_final.pdf
- Fialho, C.B (2019) *O Fortalecimento do Ecosistema Empreendedor a partir dos Seus Domínios na Percepção dos Principais Atores do Ambiente Local*. Tese Doutorado. Faculdade de Administração. Universidade de Santa Maria
- Foertsch, C.; Cagnol, R. (2013) *The History Of Coworking In A Timeline*. Deskmag. Disponível em: <http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline>
- Ford, D., Gadde, L.E., Hakansson, H., & Snehota, I. (2003) *Managing Business Relationships*, Chichester, Wiley

- Fortes, V.M.M, Randelli, A.A.P, Chais, C., Moreira L.F. (2020) *Políticas públicas e Instituições de Suporte na Perspectiva do Ecosistema Empreendedor de Cabo Verde*. Paper Anais XX Mostra de Iniciação Científica Pós Graduação, Pesquisa e Extensão. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/345680672_Políticas_Publicas_e_Instituicoes_de_Suporte_na_Perspectiva_do_Ecosistema_Empreendedor_de_Cabo_Verde
- Freire, C.D. et all (2018). *Incubadoras e aceleradoras: Um estudo de caso comparativo sob a perspectiva da visão baseada em recursos*. Disponível em: https://www.inovarse.org/sites/default/files/T11_0328_1986_3.pdf
- Freitas, A.D. e Sales, M.T. (2011) *Perfil de empresas incubadas e levantamento das expectativas dessas empresas com relação ao processo de incubação: o caso da incubadora de base tecnológica da UFJF*. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/327005228_INCUBADORAS_E_ACCELERADORAS_UM_ESTUDO_DE_CASO_COMPARATIVO_SOB_A_PERSPECTIVA_DA_VISAO_BASEADA_EM_RECURSOS
- Garvin, D.A. (1983) *Quality on the line*. Harvard Business Review
- Gomes, M.A.S. e Pereira F.E.C. (2015). *Hélice tríplice: Um ensaio teórico sobre a relação Universidade-Empresa-Governo em busca da Inovação*. <http://stat.ijie.incubadora.ufsc.br/index.php/IJKEM/article/viewFile/3309/4071>
- Guedes, M.; Bermudez, L.A. (1997) *Parques Tecnológicos e incubadoras de empresas em países em desenvolvimento: lições do Brasil*. 4ª Conferência Mundial de Parques Tecnológicos, Pequim. In: Guedes, M. Formic, P. (ed). A economia dos parques tecnológicos. Rio de Janeiro: Anprotec – IASP,
- Hamdani. D. (2006) *Conceptualizing and Measuring Business Incubation*. Disponível em: <https://www.econbiz.de/Record/conceptualizing-and-measuring-business-incubation-hamdani-daood/10003384559>
- Hardt, C. *Parques tecnológicos europeus e espaço urbano*. In: PALADINO, Gina (org.)
- Hart, David (2003) *The Emergence of Entrepreneurship Policy, Harvard University*. Disponível em: <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam041/2002041554.pdf>

- Hentrkdon, M.; Stenkula, M. (2010) *Entrepreneurship and Public Policy*. Springer. Handbook of Entrepreneurship Research, International Handbook Series on Entrepreneurship, Volume 5, Disponível em https://www.researchgate.net/publication/226887653_Entrepreneurship_and_Public_Policy
- I9 Social (n.d.) *i9 Social*. Disponível em <https://www.i9social.pt/>
- IAPMEI. (n.d.). *Clusters de competitividade reconhecidos pelo IAPMEI*. <https://www.iapmei.pt/Paginas/Clusters-de-competitividade-reconhecidos-pelo-IAPM.aspx>
- IASP (n.d.) – *International Association of Science Parks*. Disponível em <https://www.iasp.ws/>
- INOPOL (n.d.) *INOPOL Academia de empreendedorismo*. Disponível em <https://www.inopol.ipc.pt>
- IPC (n.d.). *Cursos Instituto Politécnico de Coimbra*. Disponível em <https://www.ipc.pt/ipc/estudar/>
- ISBB, I. S. B. B. (n.d.). *Instituto Superior Bissaya Barreto*. <http://www.isbb.pt/cursos/licenciaturas/>
- ISEC, I. S. de E. (n.d.). *ISEC em números*. <https://www.isec.pt/pt/instituto/#InkFactosNumeros>
- ISMT, I. S. M. T. (n.d.). *ISMT*. Disponível em <https://ismt.pt/pt>
- iParque (n.d.) – *Coimbra I Parque*, disponível em <https://coimbraiparque.pt/>
- iParque (2017) *Relatório & Contas 2017*. Disponível em file:///C:/Users/wilsa/Downloads/iparque_contas_2017.pdf
- iParque (2018). *Relatório & Contas 2018*. Disponível em file:///C:/Users/wilsa/Downloads/Rcontas_2018.pdf
- IPN (n.d.) *Incubadora de empresas*. Disponível em <https://www.ipn.pt/incubadora>
- Jabbour, J.C. Dias P.R. et all (2004) *As incubadoras de empresas como redes empresariais pró-inovação*. Revista FEB/UNESP. <http://revista.feb.unesp.br>

- Korhoonen, P. (1992) *Os parques tecnológicos como criadores de vantagem competitiva..* 8º Conferência mundial e encontro geral anual da IASP.
- Landi, F.R. (2002) Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo, FAPESP Leadership, BC (n.d.). *Estudo do Ecosistema de Apoio ao Empreendedorismo de Base Tecnológica em Portugal e Silicom Valley.* Disponível em https://www.tice.pt/sites/default/files/projetos.pdf/estudo_sobre_empreendedorismo_sv.pdf
- Leforestier, Anne. (2009) *The coworking space concept. CINE Term Project.* Indian Institute of Management (IIMAHD).
- Leising, Rosiane (2013), *Vilaj Coworking: Análise Mercadológica para Proposta de Diversificação e Expansão dos Serviços*, Florianópolis – SC, Faculdade de Decisão, Curso de Administração
- Leite, J. L. e Silva, L.J. (2012) Reflexões sobre o pesquisador nas trilhas da teoria fundamentada nos dados. Disponível em <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/GhQv9mFNFNFvm7pqhLmzpMQ/?lang=pt>
- Leonard-Burton, D. (1995). *Wellsprings of knowledge: Building and sustaining the sources of innovation*, Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press.
- Lumley, R. M. (2014). *Coworking project in the campus library: supporting and modeling entrepreneurial activity in the academic library.* New Review of Academic Librarianship.
- Magacho, L. A. M. (2011) *Parque de Inovação de Serviços para as Pessoas: Metodologias para o Planejamento*, PUC, RJ.
- Mariotto, F.L. (1991) *O Conceito de competitividade da empresa: uma análise crítica.* Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901991000200004
- Marques, A. (2006) *A logística como fonte de vantagem competitiva nas micro e pequenas empresas.* São Paulo: SIMPEP.
- Marshall, A. (1996) *Princípios da Economia.*

- Mason, C., Brown, R. (2014) *Enterprenurial Ecosystems and Growth Oriented Entrepreneurship*, OECD, 2014.
- Me, F. (2011). *Mapa de agentes de inovação em Portugal*. [http://www.foodsmehop.eu/bases/food.nsf/0/6D747EBF3F43E35CC12579480056AA94/\\$FILE/mapa_agents_idi_PT.pdf?OpenElement](http://www.foodsmehop.eu/bases/food.nsf/0/6D747EBF3F43E35CC12579480056AA94/$FILE/mapa_agents_idi_PT.pdf?OpenElement)
- Medeiros, J.A. Medeiros, L.A. Martins, T., Perilo, S. (1992) *Pólos, Parques e Incubadoras - A Busca da Modernização e Competitividade*. Brasília: CNPq/IBICT/SENAI.
- Mesquita, L.A.F. – *As Práticas que sustentam o trabalho colaborativo em Espaço de Coworking e o Papel das Tecnologias de Informação e Comunicação: Estudo de caso da Goma, SP, 2016*, disponível em https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16222/Dissertac%C3%A7%C3%A3o_A7a%CC%83o_As%20pr%C3%A1ticas%20que%20sustentam%20o%20trabalho%20colaborativo%20em%20espa%C3%A7os%20de%20coworking%20e%20o%20papel%20das%20Tecnologias%20de%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Mintzberg, H. (1973). *The nature of managerial work*. New York, NY: Harper and Row
- Moriset, B. (2014) *Building new places of the creative economy: The rise of cowork spaces*. Utrecht. Disponível em <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00914075/document>
- Moura, G.R. (2019) *O Impacto Social da IPN – Incubadora – Um estudo de caso*. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/89958>
- Munhoz, A.C.C, Sengia, B.O., Fazzio, B.J. Oliveira, G.P.S. Ades, C. (2013) *Coworking e Crowdsourcing: Como modelos de negócios inovadores influenciam no desenvolvimento de Start-ups*. XVI SEMEAD. Disponível em <http://sistema.semead.com.br/16semead/resultado/trabalhosPDF/1079.pdf>
- NBIA (2002) *State of the Business Incubation Industry*, Athns, NBIA Publications
- NBIA (2007) *National Business Incubation Association*. Ohio: NBIA Publications.
- OCDE (2005). *Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – Manual de Oslo: Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação*.

Disponível em http://www.finep.gov.br/images/a-finep/biblioteca/manual_de_oslo.pdf

OCDE (2010) *OECD Studies on SMEs and Entrepreneurship - SMEs, Entrepreneurship and innovation..* OECD. Disponível na Internet:

<http://www.oecd.org/cfe/smesentrepreneurshipandinnovation.htm>

Oliveira, A.S. (2010) *Análise das Interações Universidade-Empresas em Empresas Incubadas e Graduas em uma Incubadora Universitária de Empresas*. Tese Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ONU, O. das N. U. (2015). *Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*.

<https://unric.org/pt/objetivo-8-trabalho-digno-e-crescimento-economico/>

ONU (2016) *Relatório da Comissão para o Setor Privado e Desenvolvimento*. Disponível

em https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/A-8-2016-0043_PT.html

Parejo, M. Santos, S.A. (1992) *Parques Tecnológicos: uma análise comparativa de experiências consolidadas de países desenvolvidos*. São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Economia e Administração.

Parente, C. (2014) *Universidade do Porto*. Revista FLIP, in Introdução. Disponível em:

<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12394.pdf>

Pedro, Fernanda, (2019). *Cowork chegou para ficar*, Jornal Economico. Disponível

em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/coworking-chegou-para-ficar-411703>

PenacovaActual. (2019). *Empreendedorismo - Distrito de Coimbra representado com 74 empresa PME Excelência*. Penacova Actual.

<https://www.penacovactual.pt/2019/04/empreendedorismo-distrito-de-coimbra.html>

Pires, A.S. (2021) *As novas configurações espaciais do empreendedorismo tecnológico e as experiências de trabalho no polo de tecnologia de São Carlos*. São Paulo.

Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092021000200507&script=sci_arttext

Plonski, G.A. (1995) *A cooperação empresa-universidade: antigos dilemas, novos desafios*. Revista USP.

- Pordata. (2018). *Estatística de Empresas em Portugal*.
<https://www.pordata.pt/Municipios/Empresas+não+financeiras+total+e+por+dimensão-916-6374>
- Pordata. (2018). *Estatísticas empresas por segmento em Portugal*.
<https://www.pordata.pt/Municipios/Empresas+n%3a3o+financeiras+total+e+por+sector+de+atividade+econ%3%b3mica-346>
- Pordata. (2018). *Estatística da população desempregada por percentagem*.
[https://www.pordata.pt/Municipios/Desempregados+inscritos+nos+centros+de+emprego+e+de+formação+profissional+no+total+da+população+residente+com+15+a+64+anos+\(percentagem\)-592](https://www.pordata.pt/Municipios/Desempregados+inscritos+nos+centros+de+emprego+e+de+formação+profissional+no+total+da+população+residente+com+15+a+64+anos+(percentagem)-592)
- Pordata. (2018). *Percentual da população em idade activa em Portugal*.
[https://www.pordata.pt/Portugal/População+activa+no+total+da+população+em+idade+activa+\(percentagem\)-1014](https://www.pordata.pt/Portugal/População+activa+no+total+da+população+em+idade+activa+(percentagem)-1014)
- Portela, J (Coord), Hespanha, P., Nogueira, C., Teixeira, M.S., Baptista, A. (2008) *Microempendedorismo em Portugal: Experiências e Perspetivas*. Lisboa: INSCOOP
- Porter, M.E. (1990) *A Vantagem Competitiva das Nações*.
- Portugal (2021) *PRR – Recuperar Portugal, Construindo o Futuro*. Disponível em
<https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDQzNgYA62SpeQUAAAA%3d>
- Portugal (2021). *Horizonte Europa garante “mais ciência, mais pesquisa e mais inovação”*. Disponível em
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=horizonte-europa-garante-mais-ciencia-mais-pesquisa-e-mais-inovacao>
- Quirino, Kênia S. (1998) *Incubação de empresas de setores tradicionais – implantação, articulação e gerenciamento*. In: As incubadoras de empresas pelos seus gerentes: Uma coletânea de artigos. Brasília: Anprotec,
- QREN (n.d.) *Portal dos Incentivos*. Disponível em
http://www.qren.pt/np4/projetos?area_proj=default

- Rascius (2019). *Observatório Rascius*. Disponível em: <https://www.racius.com/observatorio/2019/>
- Reis, M. da S. (2014). *A Universidade de Coimbra como motor de uma nova indústria - contextualização e realidade atual*. Universidade de Coimbra.
- RNI (n.d.) *Rede Nacional de Incubadoras e Aceleradoras*. Disponível em <https://www.rni.pt/programa-semente>
- Rovira, J. (2019). *O papel das redes de trabalho na inovação dos trabalhadores em espaços de cowork, no contexto de Portugal*, tese de mestrado em Gestão de Recursos Humanos e Consultoria Organizacional, ISCTE, UL. Disponível em https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/19240/1/master_joao_cascao_rovira.pdf
- Santander (2019). *Work Café*. Disponível em: https://www.santander.pt/pt_PT/Particulares/work-cafe-santander.html
- Santos, J. N. B. (2018). *Estruturas de apoio ao empreendedor e políticas públicas em Portugal: o caso da Agência DNA Cascais* Tese de mestrado, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/18069>
- Sarkar, S.(2014) *Empreendedorismo e Inovação*.
- Schlesinger, J. (2010). *Founding a hackerspace*. Faculty of Worcester Polytechnic Institute. Worcester Polytechnic Institute, Worcester.
- Schumpeter, A.J. (1985) *A Teoria do Desenvolvimento Económico: Uma Investigação sobre Lucros, Capital e Crédito, Juros e Ciclo Económico*. Editora Nova Cultural. São Paulo
- SEBRAE. (2015) *Co-working é uma boa prática para os pequenos negócios*. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/co-working-e-uma-bo-pratica-para-ospequenosnegocios>
- Semião, J.P.M (2019) *Espaços de Cowork: análise do contexto empresarial português, empreendedorismo e cultura organizacional*. Tese de mestrado ISCTE. Disponível em https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/19242/1/master_joamarques_semi%C3%A3o.pdf

- Sequeira, A, P. S. (2013)- Plano de negócios icat Lisboa. Dissertação de mestrado. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/6448>
- Silva, F.M.G. da (2012) *Incubadora de Empresas e suas Contribuições para o Desenvolvimento Econômico e Tecnológico. Monografia.* Universidade Federal do Paraná.
- Soares, J. M. M. & Saltorato, P. (2015). *Coworking, uma forma de organização de trabalho: conceitos e práticas na cidade de São Paulo.*
- Social, P.I (n.d.) “Qualificação IIES”- tudo o que precisa saber. Disponível em <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/2019/08/16/fis-a-fundo-i-qualificacao-iies-tudo-o-que-precisa-de-saber/>
- Spinuzzi, C. (2010, Mar.). *What coworking tell us about the future of work. In South by southwest interactive panel.* University of Texas.
- Spinuzzi, C. (2012). *Working alone together: coworking as emergent collaborative activity.* Journal of Business and Technical Communication, .
- Suárez, R. (n.d.) *O manual do coworking: Aprenda como criar e gerir um espaço de Coworking de sucesso.* Ramon Suarez.
- Sutto, G. (2019). *As 20 profissões com mais chances de serem substituídas por robôs nos próximos anos.* InfoMoney. Disponível em <https://www.infomoney.com.br/carreira/as-20-profissoes-com-mais-chances-de-serem-substituidas-por-robos-nos-proximos-anos/>
- Teixeira,, M. (2020) *O Papel dos Parques Científicos e Tecnológicos no Território.* Disponível em <https://via.ufsc.br/o-papel-dos-parques-cientificos-e-tecnologicos-no-territorio/>.
- Valadão, R.A.S. (2017) *Empreendedorismo de Base Tecnológica: o estudo de caso do Instituto Pedro Nunes.* Tese mestrado. Faculdade de Ciências Econômicas e Empresariais. Universidade do Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/4621/1/DissertMestradoRuiAdrianoSantosValadao2018.pdf>

Visão (2019). *Coworking em Portugal representa apenas 1% da área de escritórios*. *Jornal Visão*. Disponível em <https://visao.sapo.pt/imobiliario/2019-04-11-coworking-em-portugal-representa-apenas-1-da-area-de-escritorios/>

WIKI of Coworking. *The results of the coworking survey*. 2007. Disponível em: <http://blog.coworking.info/2007/04/218the-result-of-the-coworking-survey>

Zouain, D.M. (n.d.) *Contribuições para o Planejamento de Parques Tecnológicos Urbanos*. Disponível em file:///C:/Users/wilsa/Downloads/Contribuicoes_para_o_planejamento_de_parques_tecno.pdf

ANEXOS

Anexo 1 – Guião de entrevista

- Objetivo: analisar a eficácia de instrumentos de promoção do empreendedorismo e da economia local, através da implantação de cowork, incubadora de empresas e parque tecnológico no Concelho de Coimbra.

- Problema abordado: Os instrumentos de estímulo ao empreendedorismo através de instrumentos de fomento específicos possuem efeitos práticos?

- Hipótese: Os instrumentos de estímulo ao empreendedorismo, como a adoção e implantação de cowork, incubadoras de empresas e parques tecnológicos, podem ser grandes aliados das políticas públicas económica e social, reduzindo o desemprego e estimulando a economia local, desde que adotadas medidas eficazes, tanto nos setores públicos, quanto nos privados.

- Amostra: gestores ou representantes de instituições relacionadas a Parque Tecnológico, Incubadora de Empresas e Cowork citado neste estudo e instituições ou programas de fomento a economia local.

Utilizamos para este processo a amostragem não probabilística internacional, de forma aleatória, seguindo a indicação recebida pelo local alvo do estudo.

A amostra deve obedecer a obrigatoriedade de pertencer ao local alvo da investigação e não há restrição de sexo ou faixa etária para responder a entrevista.

As entrevistas irão ocorrer de forma online, por meio de aplicativos de videochamada.

- Tipo de entrevista: técnica de entrevista aberta

- Coleta de dados:

Entrevistas com as instituições pública e privadas incluídas neste estudo, através de videochamadas.

No momento da videochamada o entrevistador deverá estar com uma folha para a anotação das respostas colhidas durante a entrevista.

O início da entrevista deverá ocorrer com a apresentação do entrevistado, informando ao entrevistado o objetivo da entrevista e a relação do entrevistado com o Mestrado de Intervenção Social, Empreendedorismo e Inovação, da Universidade de Coimbra, justificando o motivo da entrevista.

Após a apresentação inicia-se a coleta das informações de identificação do entrevistado, o que inclui nome e cargo que ocupa.

Levando em consideração a importância da entrevista para a coleta das informações para fins da pesquisa alvo da tese de mestrado, somente a autora deste deverá realizar a entrevista e ter em mente os objetivos claros a serem alcançados pela entrevista. Devido ao reduzido tempo para empatia entre os participantes da entrevista, o entrevistador deve

se preocupar em realizar um primeiro contato satisfatório, onde o entrevistado se sinta confortável e disposto a cooperar, ganhando assim, sua confiança.

Por não possuir um inquérito único e padronizado torna-se mister a compreensão das informações a serem coletadas para cada instituição alvo do questionamento.

Cabe ao entrevistador questionar e registrar os dados coletados fielmente, utilizando-se de uma escuta ativa e completa compreensão dos objetivos das perguntas. Devendo estar atento para possíveis mal-entendido por parte do respondente e quaisquer outros ruídos na comunicação.

O entrevistador deverá se manter neutro e utilizar-se de técnicas de esclarecimento e feedback apropriado. O entrevistador deverá estar atento para não perder o controle da entrevista e permitir que o entrevistado direcione a entrevista.

Outro cuidado do entrevistador é o de não deduzir ou sugerir respostas ao respondente. Caso haja qualquer dúvida relativa as respostas não se deve deixar de esclarecê-la.

A videochamada deverá ocorrer em um local calmo, de preferência sem a interferência de terceiros.

O entrevistador não deverá mostrar movimentos de acordo ou desacordo às informações fornecidas pelo entrevistado.

- Abordagem: O entrevistador ao entrar em contato com o entrevistado deverá seguir a seguinte abordagem:

“Bom dia, meu nome é Wilsa Atella, sou aluna do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo da Universidade de Coimbra e estou escrevendo uma tese de mestrado com o título “Ecossistemas de inovação e seus mecanismos de fomento ao empreendedorismo”.

Gostaria de contar com a sua colaboração para fazer umas perguntas com o intuito de compreender como os instrumentos de estímulo ao empreendedorismo ocorrem através dos instrumentos de fomento Parque Tecnológico, Incubadora de empresas e cowork.

Preciso que me disponibilize alguns minutos, com o intuito de compreender como funciona este sistema em sua instituição. Podemos prosseguir com a entrevista?”

Para fins de orientação para direcionamento ao interesse da pesquisa utilizaremos dois grupos de questões para os entrevistados. O primeiro grupo é direcionado aos órgãos de fomento e o segundo aos instrumentos de fomento. Como citado a cima, a pesquisa é uma pesquisa aberta e estas gestões tem o intuito de não se perder o foco da entrevista, podendo ser inserido outras questões diante às respostas aos entrevistados.

Grupo 1

Quais são os programas de impulsionamento do empreendedorismo adotados pela instituição?

Dos programas citados, algum está relacionado a implementação e/ou manutenção de Parque Tecnológico, Incubadora de Empresas e Cowork? Em caso positivo, existem indicadores de acompanhamento da eficácia destes programas especificamente para o Concelho de Coimbra? E onde estariam disponíveis?

Acredita que estes programas sejam totalmente eficazes? Em caso negativo, o que entende ser necessário para implementá-los?

Grupo 2

Consegue perceber se existem apoios públicos de programas de fomento ao empreendedorismo? E como estes apoios impactam o empreendedorismo e a inovação em seu espaço de atuação?

Os apoios percebidos são sentidos pelos empreendedores? De que forma? Há repasse direto dos apoios aos usuários de seu espaço?

Possui alguma estatística dos efeitos práticos de incentivos ao empreendedorismo e a inovação recebidos por estes apoios?

As questões ora apresentadas servem de suporte e orientação para que não se tenha fugas ao objetivo da pesquisa e elas não se limitam a elas mesmas.

